

Jader Silveira (Org)

ABORDAGENS EM SAÚDE

Física, Mental e Social



Volume 4
2022


Editora
UNIESMERO

Jader Silveira (Org)

ABORDAGENS EM SAÚDE

Física, Mental e Social



Volume 4
2022


Editora
UNIESMERO

© 2022 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587a Silveira, Jader Luís da
Abordagens em Saúde: Física, Mental e Social - Volume 4 / Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022. 106 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84599-63-5
DOI: 10.5281/zenodo.6930812

1. Abordagens em Saúde. 2. Saúde Física. 3. Saúde Mental. 4. Saúde Social. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 613
CDU: 614

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniesmero.com.br
uniesmero@gmail.com
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniesmero.com.br/2022/07/abordagens-em-saude-fisica-mental-e.html>



AUTORES

AGDA MONTENEGRO DE SIQUEIRA

ALINE BRESSAN

AMANDA DE CÁSSIA COSTA DE OLIVEIRA

ANA DE LOURDES SÁ DE LIRA

ANA GABRIELLE SILVA DE OLIVEIRA

ANA MARIA FLORENTINO

ANDRÉ VINÍCIUS LIRA CAMPOS

BRENO WESLEY LEAL CARVALHO

CARLA RIBEIRO BERNARDO

ESTER TORRES DE CARVALHO

GABRIELLE FERREIRA

JANETE PEREIRA LIMA

KEILA REJANE DE JESUS MARTINS

LUNNA GUERRA FABRI

LUZIANE DE FÁTIMA KIRCHNER

MARCIO ROGERIO BRESOLIN

RAFAEL VENTURA DOS SANTOS

RAÍZA DA SILVA PEREIRA

SÁVIO HENRIQUE LIRA CAMPOS

APRESENTAÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS), define Saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidades”. Sendo assim, não basta apenas estar sem nenhuma doença, é necessário estar bem consigo mesmo e com o corpo, sem sentir dores ou até mesmo tristeza.

A Saúde não visa apenas tratar pessoas doentes, mas sim implementar um conjunto de medidas que visa o bem estar físico, mental e social da população. Sempre foi necessário investir em estratégias gerais de promoção de saúde, como o incentivo às práticas esportivas, à alimentação saudável, ao acesso às consultas preventivas de saúde.

A obra “Abordagens em Saúde: Física, Mental e Social - Volume 4” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área. Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este quarto e-book da coleção conta com trabalhos científicos aliados às temáticas das práticas ligadas as temáticas em Saúde, bem estar e as suas interligações com a sociedade, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 RELAÇÃO ENTRE A ANSIEDADE E DEPRESSÃO E A PRÁTICA DA AMAMENTAÇÃO <i>Janete Pereira Lima; Luziane de Fátima Kirchner</i>	8
Capítulo 2 A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS OUTROS: NA PERSPECTIVA DESCOLONIAL ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA <i>Marcio Rogerio Bresolin</i>	24
Capítulo 3 VACINAÇÃO E IMUNIZAÇÃO DA HEPATITE B DE ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA <i>Ana de Lourdes Sá de Lira; Keila Rejane de Jesus Martins; Breno Wesley Leal Carvalho; Sávio Henrique Lira Campos; André Vinícius Lira Campos</i>	33
Capítulo 4 AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE MASTIGATÓRIA DE ADOLESCENTES COM MÁ OCLUSÃO <i>Ana de Lourdes Sá de Lira; Ana Gabrielle Silva de Oliveira; Sávio Henrique Lira Campos; André Vinícius Lira Campos</i>	47
Capítulo 5 EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS SOBRE O USO TERAPÊUTICO DO CANABIDIOL FRENTE AO TRANTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA <i>Gabrielle Ferreira; Carla Ribeiro Bernardo; Raíza Da Silva Pereira; Lunna Guerra Fabri; Aline Bressan; Ana Maria Florentino</i>	63
Capítulo 6 O ENFERMEIRO E OS IMPACTOS A SUA SAÚDE MENTAL NO COMBATE À PANDEMIA COVID-19 <i>Rafael Ventura dos Santos; Amanda de Cássia Costa de Oliveira</i>	74
Capítulo 7 A ASSISTÊNCIA DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO AOS RECÉM-NASCIDOS ACOMETIDOS PELA SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL <i>Ester Torres de Carvalho, Agda Montenegro de Siqueira</i>	92
AUTORES	103

Capítulo 1
RELAÇÃO ENTRE A ANSIEDADE E
DEPRESSÃO E A PRÁTICA DA
AMAMENTAÇÃO
Janete Pereira Lima
Luziane de Fátima Kirchner



RELAÇÃO ENTRE A ANSIEDADE E DEPRESSÃO E A PRÁTICA DA AMAMENTAÇÃO

Janete Pereira Lima

Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Enfermeira Obstetra modalidade residência pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Email: janetfortal@gmail.com

Luziane de Fátima Kirchner

*Docente da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Email: luzianefk@gmail.com*

RESUMO

Introdução: A maternidade é um acontecimento impactante na vida da mulher. Assim sendo, há a necessidade de cuidados psíquicos e físicos para o fortalecimento do vínculo entre ela e a criança. **Objetivo:** identificar a relação entre variáveis sociodemográficas e de cuidados em saúde com as variáveis da amamentação (auto eficácia, motivação e período que pretende amamentar, além da manutenção do aleitamento exclusivo ou desmame pelo período de 180 dias). **Método:** A amostra foi composta por 71 puérperas e foram aplicados os instrumentos: Questionários sociodemográfico, Questionário para investigação de fatores de influência do aleitamento materno, Questionário sobre a história do aleitamento materno, Escala de Autoeficácia da Amamentação e Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão. A coleta de dados foi de aproximadamente 30 minutos. Em relação à avaliação da prática do aleitamento, as puérperas foram contatadas por telefone para verificação da prática do aleitamento exclusivo ou desmame. Esta avaliação foi realizada no período de 30, 90 e 180 dias após o parto, e aquelas que desmamaram receberam breves orientações e nesse contato telefônico foi encerrada a participação. **Resultados:** Houve uma relação negativa entre a autoeficácia para amamentar com as variáveis ansiedade/depressão, número de abortos e número de consultas pré-natal, indicando que quanto menor esses escores, maiores eram os níveis de autoeficácia para a amamentação. O período que pretende amamentar apresentou correlação negativa com o nível socioeconômico, apontando que quanto menor o nível socioeconômico, maior o período em que a puérpera pretende amamentar. **Conclusão:** Foi possível confirmar a relação da ansiedade e depressão com a interrupção precoce da amamentação e dificuldades para sua prática. Estudos futuros devem ser incentivados, visando avaliar a assistência de saúde para a promoção da saúde mental dessas mulheres e a prática da amamentação. **Palavra-Chave:** Aleitamento Materno. Ansiedade. Promoção da Saúde. Autoeficácia.

ABSTRACT

Introduction: Motherhood is an impactful event in women's lives. Therefore, there is a need for psychological and physical care to strengthen the bond between her and the child. **Objective:** to identify the relationship between sociodemographic and health care variables with breastfeeding variables (self-efficacy, motivation and period of intention to breastfeed, in addition to maintaining exclusive breastfeeding or weaning for a period of 180 days). **Method:** The sample consisted of 71 breastfeeding women and the following instruments were applied: Sociodemographic questionnaires, Questionnaire to investigate factors influencing breastfeeding, Questionnaire on the history of breastfeeding, Breastfeeding Self-Efficacy Scale and Hospital Anxiety and Depression Scale. Data collection took approximately 30 minutes. Regarding the assessment of breastfeeding practice, the mothers were contacted by telephone to verify that they were exclusively breastfeeding or that they had weaned. This assessment was carried out in the period of 30, 90 and 180 days after delivery, and for those who weaned, they received brief instructions and the telephone contact ended their participation. **Results:** There was a negative relationship between self-efficacy for breastfeeding with the variables anxiety/depression, number of abortions and number of prenatal visits, indicating that the lower these scores, the higher the levels of self-efficacy for breastfeeding. The period they intended to breastfeed showed a negative correlation with the socio-economic level, indicating that the lower the socio-economic level, the longer the period that the mother intends to breastfeed. **Conclusion:** By analyzing the data, it was possible to confirm the relationship between anxiety and depression with early interruption of breastfeeding and difficulties in its practice. Future studies should be encouraged, with a view to evaluating health care for the promotion of these women's mental health and the practice of breastfeeding. **Keywords:** Breastfeeding. Anxiety. Health promotion. Self-efficacy.

INTRODUÇÃO

A maternidade é um acontecimento impactante na vida da mulher. Assim sendo, há a necessidade de cuidados psíquicos e físicos para o fortalecimento do vínculo entre ela e a criança (ZANATTA, PEREIRA & ALVES, 2018). Para Maldonado (2017), entre as mudanças hormonais que essa mulher está passando durante o puerpério, é possível que ela vivencie imensa vulnerabilidade, ansiedade e aflições, que podem ser decorrentes da nova identidade, de ser mãe.

Chemello, Levandowski e Donelli (2021) apontaram que a ansiedade da mãe, ao longo do período gravídico puerperal, pode trazer impactos para o vínculo entre ela e a criança, e para a saúde mental dela, em médio e longo prazo. Vários são os sentimentos apresentados pela mãe nesse período, como o medo, os anseios, as inseguranças e os sofrimentos referentes à sua capacidade de ser uma boa mãe e se saberá cuidar da criança.

Coo et al., (2020) observaram que mães que apresentaram maior nível de ansiedade e depressão no último trimestre de gestação mantiveram a amamentação por menos tempo. Para o período de 180 pós-parto não houve relação da manutenção do aleitamento exclusivo com a ansiedade e depressão, porém, as puérperas que desmamaram após esse período apresentaram mais sintomas de depressão do que as que continuavam amamentando. Esses dados sugerem que a ansiedade e a depressão podem ser fatores de risco para a puérperas abandonarem o aleitamento exclusivo ou realizarem o desmame.

Em um outro estudo realizado com 20 puérperas que apresentaram depressão pós-parto, elas relataram que a vivência da amamentação foi percebida de maneira negativa. Dividiram em duas categorias, as dificuldades da depressão pós-parto para amamentar e os sentimentos envolvidos na prática da amamentação.

As dificuldades apresentadas foram: falta de vínculo com a criança, frustração, e quanto aos sentimentos relatados pelas participantes sobre a amamentação foram os seguintes: que mal conseguiam amamentar, o ato trazia uma sensação de abuso, era desagradável, como se fosse uma imposição, muito cansaço quando a criança não conseguia pegar a mama, sentimento de dor, incômodo, evidenciando os diversos obstáculos que se apresentam nesse período (OLIVEIRA et al., 2019).

Para Nader et al., (2020) em estudo com 65 puérperas (75,5%) apresentaram alto escore de autoeficácia para amamentar evidenciando que não há risco de evoluírem para uma depressão pós-parto, já as puérperas (75%) que apresentaram um escore de médio ou baixo para autoeficácia possuem risco para depressão pós-parto.

Fatores sociodemográficos, como idade, nível socioeconômico, e fatores relacionados à assistência ao parto e nascimento, número de gestações, consultas no pré-natal também podem influenciar na prática e na manutenção do aleitamento materno. Alguns autores argumentam que a manutenção do aleitamento materno depende de inúmeras variáveis, sejam elas sociodemográficas (MORAES et al., 2016), ou decorrentes dos cuidados e do manejo da amamentação (SANTOS et al., 2020). Segundo Andrade, Pessoa e Donizete (2018), no estudo realizado com 52 puérperas e suas crianças com idade de 0 a 6 meses de vida que não se encontravam em aleitamento materno exclusivo (AME), sucedeu o desmame precoce nas participantes mais jovens, o que pode ter ocorrido devido à falta de conhecimento e preparo para essa nova fase de suas vidas. Conforme Barbosa e Conceição (2020),

a alta ocorrência de problemas mamários e a predominância de puérperas que não receberam explicações sobre o aleitamento no pré-natal contribuem com a baixa adesão ao aleitamento materno exclusivo. A amamentação pode ser impactada por inúmeros fatores, sejam fatores psíquicos, sociodemográficos, ou decorrentes dos cuidados e do manejo adequado da amamentação.

Estudos que investiguem o impacto dessas variáveis na amamentação considerando a mesma amostra são, portanto, escassos na literatura. Diante disso, o objetivo do presente estudo foi identificar a relação entre variáveis sociodemográficas, de cuidados em saúde, e as variáveis da amamentação (autoeficácia, motivação e período em que pretende amamentar, além da manutenção do aleitamento exclusivo ou desmame pelo período de 180 dias).

MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como correlacional, de natureza quantitativa. Alguns dados sociodemográficos, de cuidados em saúde e amamentação foram coletados no alojamento conjunto de uma Maternidade Pública de Campo Grande – MS, após o nascimento da criança. O instrumento que investigou a manutenção da prática do aleitamento foi aplicado no intervalo de 30, 90 e 180 dias após o nascimento da criança, via contato telefônico.

Para aquelas que aceitaram participar, foi pactuado que em seguida seriam realizados três contatos (por via telefônica) para rastreamento da amamentação. As participantes deveriam ter 18 anos ou mais, estarem em alojamento conjunto amamentando e aceitarem participar do estudo. A amostra foi formada por 71 puérperas, a maior parte delas com idade entre 18 a 25 anos (n=32) e renda familiar de dois salários mínimos (n=33).

A Tabela 1 abaixo apresenta as características sociodemográficas, as variáveis idade, renda familiar.

Tabela 1 – Distribuição das características sociodemográfica.

Características	
Idade (anos)	
18 – 25	32
26 – 35	29
36 – 45	10
Renda (R\$ 1.045)	
1 Salário	21
2 Salários	33
3 Salários	16
4 Salários	1

Instrumentos

Os instrumentos aplicados foram três questionários elaborados pela pesquisadora para coleta de dados e duas escalas.

Questionário para levantamento dos dados sociodemográficos: elaborado pela pesquisadora, com o objetivo de coletar dados como raça, situação conjugal, escolaridade, renda familiar, dentre outras informações sociodemográficas.

Questionário para investigação de fatores de influência do aleitamento materno: instrumento elaborado pela pesquisadora para identificação do tipo de alimentação, se aleitamento materno exclusivo – AME e o desmame – D.

Questionário sobre a história do aleitamento materno: elaborado pela pesquisadora, com intenção de identificar a presença do acompanhante, se realizou o pré-natal, número de consultas no pré-natal, idade do recém-nascido e número de gestações.

Escala de Autoeficácia da amamentação: a versão original dessa escala (*Breastfeeding Self-Efficacy Scale –BSES*) foi desenvolvida por Cindy-Lee Dennis no Canadá, e foi traduzida e validada no Brasil por Oriá (2008) como Escala de Autoeficácia da amamentação para uso em gestantes, e adaptada e validada para o uso em puérperas por Dodt (2008). Este instrumento objetiva avaliar o entendimento das puérperas em sua autoeficácia na prática do aleitamento materno. Trata-se de uma escala tipo Likert de cinco pontos, de 1(discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) (DODT, 2011). Os escores são apresentados como baixa eficácia (14 a 32 pontos); média eficácia (33 a 51 pontos) e alta eficácia (52 a 70 pontos). Quanto maior a pontuação maior é a crença do indivíduo de que é capaz de amamentar.

Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão: a versão original dessa escala (*Hospital Anxiety and Depression Scale* - HADS) foi desenvolvida por Zigmond e Snaith (1983), e validada no Brasil por Botega et al., (1995). O objetivo da escala é identificar sintomas de ansiedade e depressão em pacientes de hospitais clínicos não psiquiátricos, mas, posteriormente foi utilizado em outros tipos de pacientes. A escala possui 14 itens, sete são voltados para a avaliação da ansiedade e sete para a depressão. Cada item pode ser pontuado de zero a três, com uma pontuação máxima de 21 pontos para cada escala.

Procedimentos

As puérperas foram abordadas no alojamento conjunto, onde foram expostos os objetivos e método da pesquisa, e àquelas que concordaram em participar foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que fosse assinado.

Em seguida foram aplicados os instrumentos: Questionários sociodemográfico, Questionário para investigação de fatores de influência do aleitamento materno, Questionário para a história do aleitamento materno, Escala de Autoeficácia da Amamentação - *Breastfeeding Self-Efficacy Scale* – BSES e Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão - *Hospital Anxiety and Depression Scale* - HADS. O tempo de coleta de dados foi de aproximadamente 30 minutos. No que se refere à avaliação da prática do aleitamento, as puérperas foram contatadas por telefone para verificar se continuavam o aleitamento exclusivo ou parcial, ou se haviam desmamado. Essa avaliação foi realizada no período de 30, 90 e 180 dias após o parto, e aquelas que desmamaram receberam breves orientações e o contato telefônico foi encerrado¹.

Análise dos dados

Utilizou-se a análise estatística não-paramétrica, pois a amostra não apresentou distribuição normal. Para a análise das variáveis contínuas utilizou-se a correlação de *Spearman*, para a análise das variáveis categóricas e contínuas utilizou-se o teste estatístico de *Mann Whitney*, e para a análise das variáveis exclusivamente categóricas foi utilizado o teste qui-quadrado.

¹ Os dados deste estudo foram extraídos do mesmo banco de dados que embasou o artigo Efeitos de uma intervenção psicoeducativa sobre aleitamento materno para puérperas em alojamento conjunto.

RESULTADOS

A autoeficácia para amamentar apresentou correlação negativa com as variáveis ansiedade/depressão, número de abortos e número de consultas pré-natal, o que indica que quanto menores eram os escores dessas variáveis, maiores eram os níveis de autoeficácia para a amamentação. O período em que pretende amamentar apresentou correlação negativa com o nível socioeconômico, o que indica que quanto menor o nível socioeconômico, maior o período que a puérpera pretende amamentar.

Considerando a prática do aleitamento, as puérperas que desmamaram apresentaram diferenças nos níveis de ansiedade/depressão e autoeficácia, em comparação com aquelas que continuaram o aleitamento materno. Ou seja, o escore médio de ansiedade/depressão foi maior para as mães que desmamaram (14,6), e a autoeficácia foi menor (41,) em comparação às mães que continuaram em aleitamento (ansiedade/depressão: - 9,57; autoeficácia: - 55,7).

Aquelas que continuaram com o aleitamento exclusivo também apresentaram diferenças em relação às que não mantiveram o aleitamento exclusivo para essas mesmas variáveis (ansiedade/depressão e autoeficácia). Mães que continuaram em aleitamento exclusivo apresentaram menor escore médio de ansiedade/depressão (9,17), e maior escore médio de autoeficácia (56,2), em comparação com aquelas que não continuaram (ansiedade e depressão: 12,1; autoeficácia: 49,6).

Tabela 2 – Análises entre as variáveis de amamentação, sociodemográficas e de cuidados em saúde.

Variáveis de amamentação		Auto eficácia para amamentar	Ansiedade depressão	Idade	Nível socioeconômico	Número de gestações	Número de abortos	Dificuldades (dor e fissuras)	Boas práticas do nascimento	Número de consultas pré-natal
Auto eficácia para amamentar										
correlação de <i>Spearman</i> ,	R	.	-0,357	0,031	-0,143	-0,068	-0,283	-0,103	0,182	-0,246
	P	.	0,002**	0,797	0,233	0,573	0,017*	0,394	0,129	0,039*
Período que pretende amamentar (meses)										
correlação de <i>Spearman</i> ,	R	0,107	0,13	0,055	-0,255	0,138	0,205	0,038	0,126	0,166
	P	0,38	0,284	0,65	0,033	0,253	0,089	0,754	0,3	0,171
Motivação para amamentar (S/N)										
<i>Mann-witney</i>	Z score	-0,51	-0,375	-0,263	-0,7	-0,67	-1,77	-1,833	-1,718	-0,816
	P	0,61	0,708	0,793	0,484	0,503	0,077	0,067	0,086	0,415
Desmame (S/N)²										
<i>Mann-witney</i>	Z score	-2,966	-2,339	-0,555	-1,353	-0,751	-1,674	-1,76	-1,042	-0,258
	p	0,003	0,019	0,579	0,176	0,453	0,094	0,078	0,297	0,796
Aleitamento exclusivo (S/N)³										

²As participantes que não entrarem na categoria “Desmame” continuaram o aleitamento, seja de modo parcial ou exclusivo.

³ As participantes que não entrarem na categoria “Aleitamento Exclusivo” continuaram o aleitamento parcial ou desmamaram.

Abordagens em Saúde: Física, Mental e Social

<i>Mann-witney</i>	Z	-1,938	-2,024	-1,147	-1,051	-0,742	-0,639	-2,047	-1,535	-0,156
	score									
	p	0,053	0,043	0,251	0,293	0,458	0,523	0,041	0,125	0,876

* valores de $p < 0,05$ indica diferenças significativas entre os grupos

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi identificar a relação entre variáveis sociodemográficas e de cuidados em saúde com as variáveis da amamentação (autoeficácia, motivação e período em que pretende amamentar, além da manutenção do aleitamento exclusivo ou desmame pelo período de 180 dias). Os resultados encontrados sugerem que quanto menor o número de abortos, número de consultas e a ansiedade/depressão, maiores os escores autoeficácia para a amamentação.

Os achados deste artigo são similares ao de Torres et al., (2021), que entrevistaram 264 puérperas e observaram a relação entre a ansiedade e a baixa autoeficácia para amamentar, o que pode elevar a ocorrência do desmame precoce, evidenciando que quanto mais elevada a autoeficácia, maiores as probabilidades para a prática e manutenção do aleitamento materno exclusivo. Neste mesmo estudo a variável consultas de pré-natal não apresentou relação com a autoeficácia para amamentar, mas no presente estudo foi considerado que quanto maior o número de consultas pré-natal, menor foi o escore de autoeficácia. Esses resultados podem sugerir a necessidade de investigação quanto às orientações realizadas no pré-natal, ou seja, se elas recebem as orientações adequadas para a amamentação ou se as orientações recebidas podem, de fato, levar as gestantes a se sentirem inseguras ou incapazes de amamentar. Vale destacar que no presente estudo, dentre as 71 participantes apenas 18 receberam orientações para amamentar no pré-natal. Na pesquisa de Albuquerque e Santos (2018), dentre as 27 mulheres primigestas, 74% não receberam orientações básicas sobre aleitamento durante o pré-natal, e dentre elas 37% evidenciaram problemas para iniciar a amamentação; e apenas 40% procuraram ajuda na unidade de saúde para isso. Além disso, apenas metade (56%) relatou ter sido incentivada à prática da amamentação durante o pré-natal.

Presumimos, no entanto, que essas orientações no período das consultas pré-natal sejam imprescindíveis para o bem-estar dessa díade, devendo ser estimulada pelos profissionais de saúde. O pré-natal se apresenta como uma ocasião de intercomunicação com a gestante e sua rede de apoio para promoção do aleitamento materno, e deve ser visto como uma oportunidade de empoderar a mulher para a prática do aleitamento e cuidados com a criança.

Guimarães et al., (2017) apontaram não haver relação estatisticamente significativa entre as variáveis obstétricas (número de gestações, parto, aborto e filhos

vivos) com a autoeficácia para amamentar, considerando a análise realizada 94 puérperas adolescentes. Não corroborando os achados de Guimarães et al., (2017), este estudo indicou que quanto maior o número de abortos, menor a percepção da puérpera para amamentar, evidenciando que o número de abortos pode impactar negativamente no seu desejo de gestar e amamentar.

O período em que pretende amamentar indicou que quanto menor o nível socioeconômico, maior o tempo em que a puérpera pretende amamentar. Victoria et al., (2016) apontaram, em um estudo de metanálise, que em países que concentram a maior quantidade de pessoas com alta renda a prática da amamentação é menor. Segundo os autores, as taxas de prevalência para amamentação até o primeiro ano de vida das crianças foram encontradas na África subsariana, no sul da Ásia e em partes da América Latina, enquanto nos países de alta renda essa taxa é menor que 20%. Assim, confirmando os achados do presente estudo, as puérperas com menor renda mantêm o aleitamento por mais tempo, ao apresentarem menor poder aquisitivo para comprar substitutos do leite materno e utensílios, como chupeta e mamadeira. O uso desses utensílios, embora possam prejudicar a prática e manutenção da amamentação, talvez sejam percebidos pelas puérperas com maior poder aquisitivo, e baixo nível de orientação, como recursos facilitadores para a prática do aleitamento.

As puérperas que desmamaram apresentaram níveis variados de ansiedade/depressão e de autoeficácia, em relação as puérperas que continuavam a prática do aleitamento materno exclusivo. Cysneiros et al., (2020), em sua pesquisa identificaram através de contato telefônico que 79 puérperas que obtiveram escores altos para a autoeficácia para amamentar apresentaram 2,7 vezes mais chances para o AME até o 4º mês de vida da criança, se comparadas às puérperas que apontaram escore baixo ou médio em relação à autoeficácia. O que apontou o estudo de Campos et al., (2020) foi que a autoeficácia apresentou repercussões significativas para a prática do aleitamento exclusivo quando a puérpera se apresentava segura e capaz de praticá-lo.

Como limitação do estudo pondera-se a ocorrência da pandemia da Covid-19 que pode ter influenciado nas respostas das participantes em relação a ansiedade e depressão. Silva et al., (2021) realizaram um estudo para investigar a repercussão da pandemia da COVID-19 na saúde psíquica de gestantes e puérperas e observaram que parte considerável da amostra que apresentou níveis mais elevados de ansiedade e sintomas depressivos, em comparação ao período pré-pandêmico, quando os níveis

eram menores. Conforme indicado neste estudo, sugere-se que a ansiedade/depressão pode ter sido impactada pela pandemia, o que aponta a necessidade de mais estudos investigando o impacto da ansiedade/depressão na prática da amamentação.

CONCLUSÃO

Quanto menor o nível socioeconômico apresentado pelas puérperas, maior sua intenção de amamentar. Este estudo também apresentou uma correlação entre elevada autoeficácia na amamentação e menor risco de ansiedade e depressão. Não obstante as consultas de pré-natal, a falta de incentivo pode ter impactado negativamente na percepção de autoeficácia para amamentar, o que demonstra a necessidade do acompanhamento de profissional qualificado para garantir assistência efetiva no apoio à amamentação.

Ações que visam melhorar os índices de autoeficácia na amamentação são relevantes para o fortalecimento da relação da mulher com a criança e para a promoção da saúde mental das mulheres e devem ser incentivadas no sistema de saúde.

Foi possível confirmar a relação da ansiedade e depressão com a interrupção precoce da amamentação e dificuldades para sua prática. Estudos futuros devem ser incentivados, visando avaliar a assistência de saúde para a promoção da saúde mental dessas mulheres e a prática da amamentação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, I.A.; SANTOS, W.L. Análise da orientação recebida pela primigesta na atenção básica sobre amamentação. *Revista de Iniciação Científica de Extensão* [Internet] v.1, n. (Esp), p. 43-47. Disponível em:

<https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/64>.

Acesso em: 23 out. 2021.

ANDRADE, H. S.; PESSOA, R. A.; DONIZETE, L. C. V. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 40, p. 1-11, jan-dez 2018. DOI 10.5712/rbmfc13(40)1698. Disponível em:

<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1698>. Acesso em: 12 jul. 2021.

BARBOSA, K. I. P.; CONCEIÇÃO, S. I. O. Fatores sócio demográficos maternos associados ao aleitamento materno exclusivo. **Revista Cuidarte**, [s. l.], v. 11, n. 1, ed. 811, abr 2020. DOI 10.15649/cuidarte.811. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cuid/v11n1/2346-3414-cuid-11-1-e811.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BOTEGA, N. J.; BIO, M. R.; ZOMIGNANI, M. A.; GARCIA JR, C.; PEREIRA, W. A. B. Transtornos do humor em enfermaria de clínica médica e validação de escala de medida (HAD) de ansiedade e depressão. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 29, n. 5, p. 355-363, 1995. DOI 10.1590/S0034-89101995000500004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/dY4tVF5tWXkrfkyjz5Sp4rM/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2021.

CAMPOS, R. L O.; INTERAMINENSE, N. C. S.; RODRIGUES, A. J.; LIMA, A. P. E.; LEAL, L. P.; SILVA, A. T. C. S. G.; SETTE, G. C. S.; JAVORSKI, M. Fatores associados à autoeficácia na amamentação em primíparas no pós-parto mediato. **International Journal of Development Research**, [s. l.], v. 10, n. 9, p. 40503-40508, set 2020. DOI 10.37118/ijdr.19942.09.2020. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/fatores-associados-%C3%A0-autoefic%C3%A1cia-na-amamenta%C3%A7%C3%A3o-em-prim%C3%ADparas-no-p%C3%B3s-parto-mediato>. Acesso em: 22 out. 2021.

COO, S.; GARCIA, M. I.; MIRA, A.; VALDÉS, V. The Role of Perinatal Anxiety and Depression in Breastfeeding Practices. **Breastfeeding Medicine**, [s. l.], v. 15, n. 8, p. 495-500, 2020. DOI 10.1089 / bfm.2020.0091. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32522015/>. Acesso em: 23 out. 2021.

CHEMELLO, M. R.; LEVANDOWSKI, D. C.; DONELLI, T. M. S. Ansiedade materna e relação mãe-bebê: um estudo qualitativo. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 39-53, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v22n1/v22n1a04.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

CYSNEIROS, V. C.; BRAZ, L. C.; CORREIA, A. M. P. S.; AMÂNCIO, V. C.; SEVERINO, I. G. C. K.; MACHADO, M. M. A prática do aleitamento materno exclusivo e sua correlação com a escala de autoeficácia. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 14238-14249, set-out 2020. DOI 10.34119/bjhrv3n5-226. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/18018>. Acesso em: 22 out. 2021.

DODT, REGINA CLÁUDIA MELO. **Aplicação e Validação da Breastfeeding Self-Efficacy Scale – Short Form (BSES-SF) em Puérperas**. Orientador: LORENA BARBOSA XIMENES. 2008. 102 f. Dissertação (Mestre em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2018/1/2008_disrcmdodt.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

DODT, R. C. M. **Elaboração e validação de tecnologia educativa para autoeficácia da amamentação**. Orientador: LORENA BARBOSA XIMENES. 2011.

166 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4127>. Acesso em: 21 out. 2021.

GUIMARÃES, C. M. S.; CONDE, R. G.; SPONHOLZ, F. A. G.; ORIÁ, M. O. B.; MONTEIRO, J. C. S. Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 109-115, 2017. DOI 10.1590/1982-0194201700016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/PV4Wmv8p389GyyWRnByDZTR/?lang=pt#>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez**: Gestando pessoas para uma sociedade melhor. 17. ed. atual. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. 244 p. ISBN 978-85-5580-024-5.

MORAES, B. A.; GONÇALVES, A. C.; STRADA, J. K. R.; GOUVEIA, H. G. Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentes com até 30 dias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s. l.], v. 26, ed. 2016-0044, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.2016-0044>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/NBdvMBVDbrSm3h5fZvB3phG/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2021.

NADER, J. M.; MOREIRA, N. C.; CARVALHO, L. O. O.; RASSI, A.; BRITO, A. F. P.; SILVEIRA, M. M. M. Correlação entre autoeficácia em amamentação e depressão pós-parto. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 3875-3888, mar-apr 2020. DOI 10.34119/bjhrv3n2-210. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9422>. Acesso em: 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, M. G.; TEIXEIRA, R. S.; COSTA, V. N. M.; ALENCAR, P. H. L.; RODRIGUES, E. O.; LIMA, A. C. M. A. C. C.; CHAVES, A. F. L. Sentimentos de mulheres com depressão pós-parto frente ao aleitamento materno. **Revista Enfermagem em foco**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 88-92, 2019. DOI 10.21675/2357-707X.2019.v10.n3.1702. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1702>. Acesso em: 25 set. 2021.

ORIÁ, M. O. B. **Tradução, adaptação e validação da Breastfeeding Self-Efficacy Scale : aplicação em gestantes**. Orientador: LORENA BARBOSA XIMENES. 2008. 189 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, [S. l.], 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2137>. Acesso em: 26 set. 2020.

SANTOS, F. S.; SOUZA, R. C.; CANDIDO, P. G. G.; SANTOS, L. H.; PASCOAL, L. M.; SANTOS NETO, M. Autoeficácia do aleitamento materno em puérperas de uma maternidade pública do nordeste brasileiro. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, [s. l.], v. 10, ed. 3910, 2020. DOI 10.19175/recom.v10i0.3910. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3910>. Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, M. L. L. S.; SANTOS, L. R.; PEREIRA, B. M. C.; VEIGA, A. V. M.; MASS, D. W.; ATTEM, M. S.; SANTOS, L. M. S. A. Impacto da pandemia de SARS-CoV-2 na saúde mental de gestantes e puérperas: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 10, n. 10, ed. 484101019186, 2021. doi 10.33448/rsd-v10i10.19186. Disponível em: <file:///C:/Users/Janete/Downloads/19186-Article-234522-1-10-20210816.pdf> Acesso em: 25 out. 2021.

TORRES, I. L.; SILVA, K. G.; RUIZ, M. T.; GOULART, B. F.; PARREIRA, B. D. M. Autoeficácia na amamentação, sintomas de ansiedade e fatores associados. **REFACS**, [online], v. 9, n. 3, p. 642-650, jul-set 2021. DOI 10.18554/refacs.v9i3.4787. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/article/view/4787>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VICTORIA, C. G.; BARROS, A. J. D.; FRANÇA, G. V. A.; BAHL, R.; ROLLINS, N. C.; HORTON, S.; KRASEVEC, J.; MURCH, S.; SANKAR, M. J.; WALKER, N. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, [s. l.], v. 387, p. 475-490, 2016. DOI 10.1016 / S0140-6736 (15) 01024-7. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26869575/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R.; ALVES, A. P. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 3, ed. 1113, p. 1-16, jul-set 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300005. Acesso em: 25 out. 2021.

Capítulo 2
**A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS OUTROS: NA
PERSPECTIVA DESCOLONIAL ATRAVÉS DA
EDUCAÇÃO FÍSICA**
Marcio Rogerio Bresolin



A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS OUTROS: NA PERSPECTIVA DESCOLONIAL ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcio Rogerio Bresolin

*Mestrando no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação
PROFEDUC e do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações
Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul; Brasil;
marcio.bresor9@gmail.com.*

Resumo

Este trabalho oferece um caminho *outro* de ensino e aprendizagem por meio da disciplina de Educação Física sendo capaz de proporcionar saberes e cultura, tanto na escola, como em outros espaços sociais, com uma ciência de saber cultural. Os referenciais teóricos utilizados para a execução desta proposta serão: Bessa-Oliveira (2018), Faria; Bessa-Oliveira (2019), Mignolo (2003), entre outros. Com isso, permite-se integrar temas, assuntos, conteúdos disciplinares e da realidade dos discentes proporcionando uma renovação da prática pedagógica, por meio da formação integral que relaciona o corpo, conhecimentos e culturas, podendo desvincula-la do modelo tecnicista para também se livrar de padrões. Gerando um “método” de ensino aprendizagem, transportando consigo possibilidades outras e descoloniais que vislumbram os corpos/sujeitos enquanto produtores de conhecimentos/saberes libertadores e contra-hegemônicos. Pois, entende-se que o profissional de Educação Física tem a responsabilidade de tirar esse discente do entre muros da escola, intensificando estudos, reflexões desse corpo/aluno no seu local de interação, a partir de suas experivivências, atrelados a práticas ativas na disciplina de Educação Física como produtora epistêmica de valores e conhecimento.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Cultura; Educação Física.

1. Introdução

A proposta deste artigo é fazer reflexões *outras* através da disciplina de Educação Física por meio das experivivências no meio escolar. Reflexões que permitam ir além das metodologias e livros didáticos formatados e implantados pela lógica da modernização, progresso e racionalização capitalista que na sua maior parte silencia corpos/sujeitos. Pensando no cotidiano escolar, que deve ser atravessado por uma perspectiva descolonial e constituindo (re)construções, discussões e transformações, intenta-se restaurar vozes, experiências, memórias, identidades e

histórias dos subalternos que por vezes são negligenciados na construção de saberes.

Carmem Lúcia Soares (2009) atribui e concebe a importância a área da Educação Física, pois a esta “será necessário se desvincular do paradigma de tecnicistas a ela atribuída”, avançar de modo a focar em horizontes do saber perpetrar, aos educandos e educandas a emergencial reflexão no que fazer, no que experimenta e no que sente, o que mais uma vez indica a possibilidade de saberes multiculturais como apresentada pelo crítico cultural Stuart Hall (2016, p. 21):

Em parte, nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles. Em parte, damos sentido às coisas pelo modo que as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas. É o uso que fazemos de uma pilha de tijolos com argamassa que faz disso uma “casa”; e o que sentimos pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa “casa” um lar (HALL, 2016, p. 21).

Ao se referir ao paradigma de interpretação através de práticas cotidianas, podemos ver a capacidade do corpo/aluno/indivíduo(a), de poder se (re)inventar, de construir valores culturais, de constante mudança e desenvolvendo conhecimento e aprendizagem através do processo multidisciplinar e descolonial numa forma diferenciada que transpassa as práticas tradicionais de ensino. Ao relatar sobre o conhecimento *outro* pós-colonial/descoloniais se faz necessário também lembrar que nos Estudos Culturais se constituem a evolução e uma compreensão de conjunto de conhecimentos.

Conservando esses esforços em mente, podemos começar dizendo que os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 1992, p.13).

Diante desse discurso é possível justificar que o caminho epistêmico de descolonizar o corpo/aluno/a vai além de inter, trans e contra-disciplinar, e sim uma concepção ampla de conhecimento, e não conhecimento do livro didático ou reproduções mecânicas. São capacidades autênticas desse corpo/aluno produzir conhecimento e cultura a partir do seu lugar, trazer para si qual a significância das emoções da prática de uma modalidade esportiva, ser *anthropos* humano, real e valorizando a corporeidade humana.

A proposta epistemológica de produção de conhecimentos beira o antidisciplinar, exatamente porque pensar descolonialmente a Educação Física é

privilegiar uma abordagem inter, multi e trans, mas essencialmente culturais. Quer dizer, raciocinar a Educação descolonialmente é priorizar um conjunto de saberes e conhecimentos que estão na ordem das diferenças culturais: intercultural, multicultural ou transcultural quando se quer, no caso desses últimos, esses saberes e conhecimentos, os corpos e as sensibilidades *biogeográficas* dessas e desses sujeitos culturais em diálogos e convivialidades.

Para Maria Augusta Salin Gonçalves (1994) a corporeidade humana é fruto de uma construção social que difere tanto entre sociedades distintas, quanto na mesma sociedade devido a fatores como sexo, idade, religião e classes sociais. Essa compreensão fez com que o homem e a mulher (sujeitos) obtivessem concepções variadas de maneiras como o corpo deveria ser tratado. Ora, se o corpo é o principal instrumento de comunicação entre o indivíduo e o ambiente social que se insere, porque limitamos suas experiências apenas as práticas esportivas e muitas vezes voltadas ao rendimento e com ênfase na aptidão física?

Problematizar questões como essas são essenciais para uma prática *outra* da/na Educação Física Escolar ser pensada, formulada e praticada. Pois, apesar do aspecto “livre” que a disciplina carrega consigo, pode facilmente ser questionado quando nos deparamos com uma prática totalmente tecnicista e reducionista que em sua maioria são as modalidades esportivas importadas.

2. Caminho *outro*: possibilitando saberes e cultura na Educação Física

Para trilhar um caminho *outro* é necessário auxiliar a formação do corpo/sujeito, e, portanto, sem restrições ou limitações no que tange aos conteúdos das aulas de Educação Física. Para, com isso, atrelando a uma perspectiva epistêmica descolonial, promover conhecimentos *outros* e romper com o estigma da disciplina ser reduzida apenas a atividades físicas.

Por essas razões é necessário escolher atividades diferenciadas nas aulas para não terem seu caráter unicamente biologistas impostos pela lógica moderna, mas que permita formação e reflexões dos corpos/sujeitos de maneira que esses sejam éticos e capazes de selecionar informações de forma crítica para pensar/repensar, sentir e agir.

Articulam-se as questões aqui expostas para romper com padrões que estabeleceram que o fora da norma, do padrão, é objeto, muitas vezes inanimado, porque não *si-move-se* como quer ou pode porque a regra não permite. Quer dizer, não estou falando de corpos fora de padrões, mas de padrões impostos pela lógica moderna que estranha tudo/todos que é/são fora das classificações estabelecidas de gênero, raça e classe no século XVI e que foram ex-postos na condição de exterioridade (FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 3).

Sendo assim, a concepção de que não existam corpos padronizados é essencial para o caminho descolonial, para descolonizar a Educação Física na instituição escolar e com isso desenvolver aulas que sejam expressivas e prazerosas para os educandos/as, permeadas por descobertas de saberes, sentidos e sentimentos na situação que estão inseridos. Assim sendo, esses corpos *outros* podem ter voz: corpo feminino, corpo negro, corpo não-atlético, corpos indígenas, entre tantos outros. Estabelecendo, com isso, esse corpo como instrumento para a luta e fala de subalternizados que caminhem em tempos-espacos, concepções de poder em uma efetiva busca pela integralidade dos sujeitos, como aponta Bessa-Oliveira (2018, p. 267):

É ser alguém no mundo; sentir o mundo; saber do mundo em que vivemos. [...] A ideia é que nós, a partir da situação e da noção de que ocupamos um lugar específico no espaço – geográfico, biográfico e cultural –, enquanto sujeitos viventes, primeiro precisamos ser, sentir e saber o ‘mundo’ em que vivemos.

Diante disso, é imprescindível que o/a professor/a de Educação Física se perceba enquanto sujeito *biogeográfico* que compreende os processos de descolonização do ser, do saber e do sentir, que se disponha a se inserir e enxergar sua prática de atuação de forma autorreflexiva e descolonial para transpor/superar este ideário equivocado do ser humano sob a leitura exclusivista do caráter biologistas e mecânico.

Entendendo que o processo de ensino aprendizagem na Educação Básica por meio da Educação Física estabelece diálogo com as diversas facetas culturais e disciplinares é possível apresentar uma prática que seja então multicultural. Para Ana Canen e Antônio Flávio B. Moreira (2001) o mais importante ao se discutir educação multicultural, e, neste caso, multidisciplinar na Educação Física, é a centralidade da cultura diante das abordagens curriculares e esta deve ser prioridade e não é o prefixo multi, mas sim a concepção de cultura como posicionamento político, social, histórico que fornecem sustentação para as abordagens metodológicas.

É perceptível na prática enquanto educador/a as limitações na área de Educação Física escolar e que, portanto, exigem de professores/as o ato de descolonizar-se continuamente para estabelecer conexão e interconexões minimamente interdisciplinares, multidisciplinares, mas melhores se multiculturais e interculturais, que em nossa compreensão é possível uma vez que tudo perpassa pelo corpo. Um corpo que não apenas é bilógico e produtor da ciência moderna, mas capaz de estabelecer diálogos *outros*.

Obviamente que para isso as aulas precisam ser pensadas a fim de garantir o conteúdo próprio da área, mas sem negligenciar a formação integral de sujeitos, em razão disso as temáticas devem mediar e permitir as relações interpessoais (aluno/a-aluno/a; professor/a-aluno/a), relacionamento crítico com a ciência moderna, debates pautados em reflexões sobre culturas *outras* que não apenas a europeia e/ou estadunidense.

Por isso, enquanto pensadores latinos, discorreremos aqui sobre um pensamento que atravessasse a modernidade elucidando uma forma *outra* de produzir arte, cultura, conhecimento e corpos: a perspectiva descolonial.

Buscamos a semelhança nas diferenças como apresenta Walter Mignolo (2003) na “esperança” de que deste modo alcançássemos legitimidade e validade para conhecimentos e saberes a produzir por alunos/as, que não são o que o padrão hegemônico impôs. E não apenas impôs, mas o tempo todo o reforça como única regra de sobrevivência e metodologia. Uma das principais funções do pensamento descolonial é descortinar o que se esconde através da modernidade, nunca devendo falar pelo outro, mas deixando-o (ele/ela) ter sua própria voz.

Um modo de propor isso é pensar em uma Educação Física inclusiva que visibilize os/as estudantes excluídos por não serem hábeis, por serem pertencentes a grupos de culturas marginalizadas pelo processo de colonização como acontece com indígenas e afro-brasileiros, corpos com limitações físicas, metais e/ou intelectuais que são por vezes reduzidos a inadequados/insuficientes ou ainda como subcorpos, corpos incompletos como acontece com as mulheres.

Sobre essa ótica enquanto pensadores latinos, discorreremos aqui sobre um pensamento que atravessasse a modernidade elucidando uma forma *outra* de produzir arte, cultura, conhecimento e corpo: a perspectiva descolonial. Buscamos a

semelhança nas diferenças como apresenta Walter Mignolo (2003) na “esperança” de que, deste modo, alcancemos legitimidade e validade para conhecimentos e saberes produzidos por alunos/as, sujeitos que não são o que o padrão hegemônico impôs. E não apenas impôs, mas o tempo todo o reforça como única regra de sobrevivência e metodologia. Uma das principais funções do pensamento descolonial é descortinar o que se esconde por trás da modernidade, nunca devendo falar pelo outro, mas deixando-o (ele) ter sua própria voz.

3. Metodologia

A presente pesquisa apresenta um levantamento bibliográfico e uma prática didática pedagógica por meio da disciplina de Educação Física sob a perspectiva epistêmica *outra*/descolonial e é desenvolvida como uma pesquisa de Mestrado na Educação Profissional.

4. Resultado

Como resultado dessa pesquisa-ação na disciplina de Educação Física, que terá a proposta construída como formação e construção de conhecimentos para estudantes, professores e sociedade escolar, proporemos fomentar o rompimento de preconceitos para causar o consentimento reconstrutor pessoal e interpessoal com valores gerados a partir do próprio corpo. Isso por meio da formação de um processo de ensino e aprendizagem que não tenham seu caráter exclusivamente do mover-se imposto pela lógica moderna. Tal atividade ainda em formatação deverá ser realizada por meio de oficinas e encontros com o desenvolvimento de atividades práticas e teóricas presenciais de perspectiva descolonial.

5. Conclusão

Podemos então a partir das *experivivências* enquanto professor/a de Educação Física concluir que o processo ensino aprendizagem carrega consigo possibilidades *outras* e descoloniais que essencialmente vislumbram os sujeitos enquanto produtores de conhecimentos/saberes libertadores e contra hegemônicos.

Inclusive nas salas e quadras de aula da Educação Básica, em formação de professores que contribuem para uma sociedade mais empática e menos excludente de corpos das diferenças. De modo que impreterivelmente sejam fornecidas aos educandos formas *outras* de experienciar o fazer científico do/no corpo com a capacidade de interpretar diversificados fatos cotidianos sobre perspectivas *outras*.

Em síntese é urgente a ruptura das demarcações da colonialidade de/nos corpos para um fazer pedagógico *contramoderno* que tire das relações ensino/aprendizado a centralidade dos aspectos biológicos e físicos. É necessário propor um corpo em movimento, pois é através destes que os sujeitos conseguem introduzir modos *outros* de compreensão de mundo atravessados por uma ação onde se percebam e realizem sentidos/significados em e para o seu meio sociocultural.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte e Cultura de Mato Grosso do Sul no Ensino de Artes: ser, sentir e saber. In: **NAV(r)E** – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade: artista, professor, pesquisador / BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio (Org.) – Campo Grande, MS: Life Editora, p. 267-284, 2018.

CANEN, Ana & MOREIRA, Antônio Flávio B. **Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p.15-44.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

FARIA, J. R.; BESSA-OLIVEIRA, M. A. Meu/nosso corpo estranho, o que temos é dele/nele que somos. *Filosofia e Educação*, v. 11, n. 1, p. 5-35, 9 set. 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8655077>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GONÇALVES, Maria. Augusta. S. **Sentir, pensar, agir** – Corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituasu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.- Rio de Janeiro : Ed. PUC- Rio : Apicuri, 2016, p. 21.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Humanitas).

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma introdução. In. SILVA, Tomas Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, p. 7-38, 1995.

Capítulo 3
VACINAÇÃO E IMUNIZAÇÃO DA HEPATITE B
DE ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA

Ana de Lourdes Sá de Lira
Keila Rejane de Jesus Martins
Breno Wesley Leal Carvalho
Sávio Henrique Lira Campos
André Vinícius Lira Campos



VACINAÇÃO E IMUNIZAÇÃO DA HEPATITE B DE ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA

Ana de Lourdes Sá de Lira

Professora Associado II do curso de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Keila Rejane de Jesus Martins

Acadêmica de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Breno Wesley Leal Carvalho

Acadêmico de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Sávio Henrique Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.

André Vinícius Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.

RESUMO

Objetivo: Determinar a prevalência prévia de vacinação e imunidade/conversão sérica e após vacinação contra hepatite B em acadêmicos de odontologia no primeiro semestre de 2018. A pesquisa consistiu em duas etapas: a primeira (T1) com questionário autoaplicável com dados epidemiológicos com verificação do cartão de vacinação e aplicação do teste para confirmação da imunização. A segunda (T2) correspondente à vacinação não soroconvertida e de não vacinados além do teste de imunidade. Resultados: A idade dos participantes variou entre 18 e 26 anos (média de 21,5). A maioria era branca (57,8%), seguida de parda (31,6%) e preta (8,4%). Setenta e um alunos (70,3%) ingressaram no curso por ampla concorrência e 30 (29,7%) pelo sistema de cotas. Verificou-se que 97 participantes (96%) estavam imunizados contra HB, contra 4 (4%) que não estavam. Esse resultado foi estatisticamente significativo ($\chi^2 = 85,63$, $p < 0,001$). Na análise probabilística binomial dos fatores de risco estudados, aumento da idade (OR: 1,08; IC 95%: 1,02-1,14), histórico de hemotransfusão (OR: 6,41; IC 95%: 1,53-6,83), aumento do número de menstruações de atividade clínica durante o curso (OR: 1,71; IC 95%: 1,02-2,92) e histórico de acidente com material biológico (OR: 6,82; IC 95%: 1,59-7,15) estiveram significativamente associados à infecção pelo HBV na população estudada. : A

prevalência de soroconversão foi de 96,03%, correspondendo a 97 alunos imunizados. Apesar de todos os acadêmicos de odontologia terem completado o ciclo vacinal (3 doses), 4 não foram imunizados. A vacinação e a necessidade de teste sorológico (anti-HBs) para verificação da imunização devem ser incentivadas a todos os estudantes de odontologia.

Palavras-chave: Hepatite B. Imunização. Vacinação.

ABSTRACT

Aim: to determine the previous prevalence of vaccination and immunity / serum conversion and after vaccination against hepatitis B in dental academics. **Material and Methods:** A study was carried out on 101 undergraduate dental students who were enrolled in 2017 and those who enrolled in the first half of 2018. The research consisted of two stages: the first one (T1) with a self-administered questionnaire with epidemiological data with a vaccination card check and by applying the test to confirm the immunization. The second one (T2) corresponding to vaccination non-seroconverted and never vaccinated in addition to the immunity test. **Results:** The age of the participants varied between 18 and 26 years (average of 21.5). Most were white (57.8%), followed by brown (31.6%) and black (8.4%). Seventy-one students (70.3%) entered the course due to wide competition and 30 (29.7%) by quota system. it was verified that 97 participants (96%) were immunized against HB, compared to 4 (4%) that were not. This result was statistically significant ($\chi^2 = 85.63$, $p < 0.001$). In the binomial probabilistic analysis of the risk factors studied, increasing age (OR: 1.08; 95% CI: 1.02-1.14), history of blood transfusion (OR: 6.41; 95% CI: 1.53 6.83), increasing in the number of periods of clinical activity during the course (OR: 1.71; 95% CI: 1.02-2.92), and history of accident with biological material (OR: 6.82; 95% CI: 1.59 -7.15) were significantly associated with HBV infection in the studied population. **Conclusion:** The prevalence of seroconversion was 96.03%, corresponding to 97 immunized students. Although all dental academics completed the vaccination cycle (3 doses), 4 were not immunized. Vaccination and the need for serological testing (anti-HBs) for immunization verification should be encouraged to all dental students.

Key words: Hepatitis B. Immunization. Vaccination.

INTRODUÇÃO

A hepatite B (HB) é uma doença causada pelo vírus da hepatite B (HBV). É transmissível pelas vias percutânea e parenteral, por acidentes ou compartilhamento de objetos contaminados e pela via sexual. É uma das principais causas de morbimortalidade no contexto mundial, e seus dados epidemiológicos são de grande preocupação para os principais centros de saúde, caracterizando-a como um problema de saúde pública (SOUZA *et al.*, 2015; FERREIRA *et al.*, 2018).

Este vírus é um risco ocupacional reconhecido para dentistas e profissionais. As exposições percutâneas ou mucosas ao sangue de indivíduos infectados representam a principal fonte de transmissão ocupacional, uma vez que quantidades diminutas de sangue são suficientes para transmitir a infecção, com grande resistência

ambiental, sobrevivendo por mais de uma semana em temperatura ambiente (TAKEMOTO *et al.*, 2017; COSTA *et al.*, 2017).

O HBV é mais facilmente transmitido após um acidente envolvendo fluidos corporais e apresenta maior grau de infectividade do que o vírus da hepatite C (HCV) e o vírus da imunodeficiência humana (HIV) (MILFON *et al.*, 2017; TEIXERA *et al.*, 2015).

No Brasil, a vacinação contra HB é universalmente recomendada para recém-nascidos, adolescentes até 19 anos e pessoas com risco aumentado de adquirir a infecção, entre eles os profissionais da odontologia. Devido às características da prática odontológica que envolvem o trabalho com instrumentos perfurocortantes e fluidos corporais em campo de visão restrito, a vacinação anti-HBs é medida prioritária entre os procedimentos de controle de infecção (ABICH *et al.*, 2016).

O sangue e outros fluidos corporais de uma pessoa com HBV podem ser infecciosos duas a três semanas antes dos primeiros sinais da doença aparecerem e permanecer assim durante a fase aguda. Atenção especial deve ser dada aos portadores crônicos que podem permanecer infecciosos ao longo da vida (MARTINS *et al.*, 2015; LAGES *et al.*, 2015).

O risco dessa infecção está correlacionado com a prevalência de infecção da população assistida e com a alta frequência de exposição a sangue e outros fluidos contaminados pelo HBV (LAGES *et al.*, 2015). A probabilidade de desenvolver HB clinicamente é de 22-31% e a de desenvolver evidência sorológica de infecção é de 37-62% quando o sangue é positivo para os antígenos HBs (HBs-Ag) e Hbe (HBe-Ag). Quando o sangue é HBsAg positivo e HBeAg negativo, a probabilidade de desenvolver HB clinicamente fica entre 1 e 6% e a probabilidade de desenvolver evidência sorológica de infecção pelo HBV é de 23-37% (LAGES *et al.*, 2015).

A evidência sorológica profissional é essencial para prevenir a transmissão ocupacional da doença. Alguns estudos mostram que o teste sorológico que determina o Anti-Hbs, após a infecção pelo HBV ou vacinação, é a única forma de verificar a eficácia da vacina (SILVA *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2019).

Nos últimos dez anos, investigações relacionadas à vacinação para hepatite B têm sido relacionadas a profissionais da odontologia e outros profissionais da saúde (ABICH *et al.*, 2016; ARANTES *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2016; MARTINS *et al.*, 2015). Deve-se levar em consideração que esses trabalhadores estão mais expostos a doenças transmissíveis e, portanto, devem ser adequadamente imunizados, além de

ter sua imunidade confirmada pela realização do teste Anti-HBs. Assim, reforça-se a necessidade de que, além de incentivar a realização do esquema vacinal completo, também se esforce para a realização do teste Anti-HBs. Profissionais e acadêmicos que não desenvolveram um nível adequado de anticorpos devem ser estimulados a reavaliar a formação de anticorpos com um novo exame.

Apesar da importância da vacinação contra o HBV e dos estudos que determinaram sua prevalência entre profissionais de saúde (SOUZA *et al.*, 2015; MOEMNI *et al.*, 2014; COSTA *et al.*, 2017; MILFON *et al.*, 2015; SOUZA *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2018; MARTINS *et al.*, 2019), há poucas publicações sobre vacinação e imunização entre estudantes de odontologia no Brasil (TAKEMOTO *et al.*, 2017; TEIXEIRA *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2009; CARNEIRO *et al.*, 2009).

Acredita-se que muitos estudantes de odontologia não são imunizados porque não concluíram as etapas da vacinação e não são incentivados durante a graduação a reiniciar o processo de vacinação.

De acordo com essas informações, e pelo fato de os profissionais de Odontologia serem considerados de risco para infecção, por estarem constantemente expostos a amostras de sangue no ambiente de trabalho, a testagem em acadêmicos de Odontologia é essencial, pois é possível encontrá-los doentes, indevidamente imunizados, não responsivos ou não soro convertidos.

O objetivo desta pesquisa foi determinar a prevalência prévia de vacinação e imunidade/conversão sérica e após vacinação contra hepatite B em acadêmicos de odontologia.

MATERIAL E MÉTODO

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí - CEP/UESPI, sob o parecer 1.991.944, consistindo de um caráter prospectivo e experimental.

Foram incluídos na pesquisa os acadêmicos de odontologia que desejam participar da pesquisa. Foram excluídos os que não quiseram participar. Inicialmente a amostra não randomizada deveria ser de 117 alunos, correspondendo a todos os alunos matriculados no curso de odontologia, porém 16 não aceitaram participar (alunos que estudaram entre o segundo e o décimo período). Assim, a amostra (n=101) foi composta por acadêmicos de odontologia que estavam matriculados em

2017 (n=81) e aqueles que ingressaram no primeiro semestre de 2018 (n=20), visto que o ingresso dos alunos é apenas no primeiro semestre de cada ano.

A pesquisa consistiu em duas etapas: a primeira (T1) com questionário autoaplicável com dados epidemiológicos com verificação da carteira de vacinação e aplicação do teste para confirmação da imunização. A segunda (T2) correspondente à vacinação não soro convertida e nunca vacinada além do teste de imunidade.

Os acadêmicos que foram imunizados no início da busca, após aplicação do teste para confirmação da imunização, foram denominados de grupo controle (GC). Os alunos não vacinados ou não imunizados previamente e aqueles que não completaram o esquema vacinal de três doses foram denominados de grupo 1 (G1) e foram incentivados a realizar um exame de sangue para investigação da presença de HB nas formas aguda ou crônica, bem como a confirmação de soro conversão após a vacinação, sem qualquer ônus para eles. Os custos associados à coleta de sangue foram de responsabilidade dos pesquisadores responsáveis.

O critério adotado foi determinado pelo Ministério da Saúde ao recomendar que a vacina seja administrada em três doses (0, 1 e 6 meses), e o esquema vacinal completo necessário para imunização. Trinta dias após a administração da última dose do esquema vacinal HB, os membros da equipe odontológica verificaram se haviam sido efetivamente imunizados por meio de exames imunológicos (MARTINS *et al.*, 2015).

A certeza da imunização seguindo o esquema vacinal é por meio do teste anti-HBs, que deve ser realizado de um a seis meses após a última dose, indicado para verificar o desenvolvimento dos níveis de proteção de anticorpos. A imunidade é adquirida pela presença do marcador anti-HBs, sendo considerada concentração adequada, nível acima de 10 mIU/mL (ARANTES *et al.*, 2015).

Dez mL de sangue foram coletados por punção venosa com seringas e agulhas descartáveis. Os soros foram separados e armazenados em microtubos a -20° C até a realização dos exames laboratoriais¹². A coleta de sangue foi realizada no posto da Estratégia Saúde da Família (ESF) mais próximo da Universidade Estadual do Piauí durante o ano letivo, de julho de 2017 a julho de 2018.

Amostras de sangue de todos os acadêmicos foram testadas para marcadores sorológicos utilizando kits de metodologia imunoenzimática comercial, realizados e interpretados: anti-HBs (kit anti-HBs IEMA WELL, RADIM®), HBsAg (kit HBsAg ELISA, HUMAN®) e anti-HBc total (ETI AB-AB COREK-2, DIASORIN®). Os

marcadores HBsAg e Anti-HBc total foram utilizados na triagem para o diagnóstico de HB. O antígeno HBsAg aparece logo após a infecção, entre 30 e 45 dias. Pode permanecer detectável por até 120 dias e está presente em infecções agudas e crônicas. O antígeno anti-HBc indica que o indivíduo esteve em contato com o vírus e o resultado positivo permanecerá por toda a vida, seja curado ou infectado de forma crônica (SILVA *et al.*, 2016).

O marcador anti-HBs (anticorpos contra o antígeno de superfície do HBV) indica imunidade. Geralmente é detectado dentro de 1 a 10 semanas após o desaparecimento do HBsAg e indica um bom prognóstico. Quando encontrado sozinho, com todos os outros marcadores negativos, indica que o indivíduo foi vacinado (SOUZA *et al.*, 2014, SILVA *et al.*, 2016).

Se os marcadores HBsAg e Anti-HBc forem positivos, o paciente é HB. Se apenas o marcador Anti-HBc for positivo, indica que o paciente pode estar se recuperando, falso positivo ou com infecção crônica. Se os marcadores Anti-HBc e Anti-HBs ficarem positivos, significa que o paciente está se recuperando com imunidade. Se apenas o marcador Anti-HBs for positivo, indica imunização por vacinação (ARANTES *et al.*, 2015).

O estudo piloto envolvendo 10 alunos teve como objetivo testar a metodologia proposta. Como resultado, sua viabilidade foi observada sem ajustes. Para medir a reprodutibilidade diagnóstica inter e intraexaminadores, 10% da amostra total foi duplamente checada por cada um dos examinadores, com coeficiente Kappa para concordância intra e interexaminadores de 0,97 e 0,98, respectivamente.

O aluno que apresentasse HB seria encaminhado ao médico da Estratégia Saúde da Família (ESF) mais próximo de sua residência para tratamento imediato, seguido pelos pesquisadores. Os cartões de vacinas foram verificados para identificar quantas doses de vacina foram tomadas por cada participante, aqueles que não apresentaram as doses completas da vacina, foram encaminhados para reiniciar o ciclo em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e aqueles que registraram todas as As doses do cartão vacinal foram encaminhadas ao Centro de Triagem Sorológica (CSS) de Parnaíba-PI para realização de exames laboratoriais de imunidade contra hepatite B.

Aqueles que não estavam com HB ou imunizados foram encaminhados à UBS para iniciar o calendário vacinal. Eles foram acompanhados pelos pesquisadores durante a vacinação e os cartões de vacina foram conferidos.

Os dados coletados foram catalogados e submetidos à análise estatística, utilizando o Programa SPSS (versão 21.0 Chicago III) por meio da técnica de estatística descritiva, com distribuições absolutas e percentuais. Os resultados foram apresentados em tabelas de contingência.

A significância estatística foi avaliada por meio do teste do qui-quadrado para a comparação das variáveis categóricas de exposição com as variáveis de desfecho. Para fins de análise, as variáveis contínuas foram transformadas em variáveis categóricas. Adotou-se o nível de significância de $p \leq 0,05$. Para as estimativas de cobertura e prevalência foi utilizado o intervalo de confiança de 95% e para a inclusão das variáveis no modelo de regressão logística foi utilizado um valor de $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

Seguindo os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, participaram do estudo 101 alunos do curso de Odontologia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Destes, 46 (45,54%) eram do sexo masculino e 55 (54,45%) do sexo feminino. A idade dos participantes variou entre 18 e 26 anos (média de 21,5). A maioria era branca (57,8%), seguida de parda (31,6%) e preta (8,4%). Setenta e um alunos (70,3%) ingressaram no curso por ampla concorrência e 30 (29,7%) pelo sistema de cotas. Apenas 57 (56,43%) acadêmicos apresentaram ciclo vacinal completo antes do início da pesquisa, sendo 22 do sexo masculino e 35 do sexo feminino.

A partir dos resultados, referentes à realização da estatística descritiva e dos testes estatísticos inferenciais do qui-quadrado, verificou-se que 97 participantes (96%) estavam imunizados contra HB, contra 4 (4%) que não estavam. Esse resultado foi estatisticamente significativo ($\chi^2 = 85,63$, $p < 0,001$).

Especificamente, entre os alunos com ciclo completo antes da pesquisa ($n = 57$), verificou-se após o teste anti-HBs que a maioria ($n = 56$) estava imunizada, sendo um resultado estatisticamente significativo, comparado a um único participante que fez não foi imunizado ($\chi^2 = 53,07$, $p < 0,001$). Padrão semelhante foi encontrado com aqueles que completaram o ciclo vacinal durante a pesquisa. Dos 44 participantes, 41 foram imunizados, sendo estatisticamente significativa em relação aos que não foram imunizados ($\chi^2 = 32,82$, $p < 0,001$), (Tabela 1).

Tabela 1 - Dados sobre Imunização dos alunos (n=101) antes e após a pesquisa.

Variáveis	Masculino	Feminino	Total (%)	X²	p valor
Vacinação completa antes da pesquisa (T1)	22	35	57 (56,4)	53,7	0,01**
Imunizado após o teste inicial (GC)	21	35	56 (55,4)		
Não imunizado após o teste inicial (G1)	1		1 (1)		
Nova etapa de vacinação durante a pesquisa (T2) (G1)	24	20	44 (43,5)	32,82	< 0,01***
Imunizado após nova etapa de vacinação	22	19	41 (40,6)		
Não imunizado após nova etapa de vacinação	2	1	3 (3)		

X²=teste Qui-quadrado; **significância com 1%; *** significância <1%.

Em relação ao sexo, quando o ciclo vacinal foi observado antes e após a pesquisa, 93,5% (n = 43) dos participantes do sexo masculino foram imunizados em comparação aos 6,5% (n = 3) que não eram de um total de 46. Esse resultado foi considerado estatisticamente significativo ($\chi^2 = 34,78$, $p < 0,001$). Em relação ao gênero feminino, também foi observada diferença significativa ($\chi^2 = 51,07$, $p < 0,001$), com 98,2% dos alunos imunizados (n = 54) imunizados de um total de 55. Os quatro alunos que não foram imunizados re- iniciou um novo ciclo vacinal (Tabela 1).

Na análise probabilística binomial dos fatores de risco estudados, aumento da idade (OR: 1,08; IC 95%: 1,02-1,14), histórico de hemotransfusão (OR: 6,41; IC 95%: 1,53 6,83), aumento do número de menstruações de atividade clínica durante o curso (OR: 1,71; IC 95%: 1,02-2,92) e histórico de acidente com material biológico (OR:

6,82; IC 95%: 1,59 -7,15) foram significativamente associados à infecção pelo HBV na população estudada, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2: Análise binomial dos fatores de risco para exposição ao vírus da hepatite B em estudantes de odontologia expostos.

Variáveis	%	Razão de probabilidade (IC 95%)	valor de p
Idade (anos)			
17- 19	35	1,08 (1,02-1,14)	<0,01***
20- 23	50		
>24	15		
Transusão de sangue			
Não	94	6,41(1,53-6,83)	0,01**
Sim	5		
Sem informação	2		
Número de períodos de atividade clínica			
1	15	1,71 (1,02-2,92)	0,02*
2 to 4	30		
>4	45		
Acidente com material biológico			
Sim	80	6,82 (1,59-7,15)	0,01**
Não	21		

Razão de probabilidade: Estimado por regressão logística binomial; IC: Intervalo de confiança; * significância com 5%; **significância com 1%; *** significância < 1%.

DISCUSSÃO

A imunização contra HB é reconhecida como uma alta prioridade em todos os países e as estratégias de imunização estão sendo revisadas. A vacinação universal de lactentes e adolescentes é recomendada, no entanto, apenas 105 países oferecem a vacina gratuita a todas as crianças. A dificuldade de controle de infecções no ambiente odontológico coloca os profissionais e pacientes em risco e caracteriza a necessidade primária desta análise (SILVA *et al.*, 2009).

De acordo com esses dados, evidenciou-se que um número significativo de alunos não havia iniciado o ciclo vacinal e desconhecia a importância da imunização. A prevalência de estudantes de odontologia vacinados contra HB foi de 56,4%, sendo considerada baixa, conforme Tabela 1, corroborando os achados de Carneiro et al(2009), cuja taxa de vacinação também não foi satisfatória (48,25%).

Quarenta e quatro alunos precisam iniciar o ciclo vacinal de três doses, o que é preocupante, pois 90 já estavam exercendo atividades clínicas e 80 já sofreram algum acidente pelo menos uma vez com material biológico e 5 já fizeram transfusão de sangue. Além disso, quanto maior a idade, maior o nível de exposição ao vírus (Tabela 2). Vale ressaltar que estudantes e profissionais de odontologia estão entre os profissionais de saúde com alta exposição ao risco de infecção pelo HBV devido ao tipo de procedimento realizado e à frequência de exposição a materiais biológicos (TADA *et al.*, 2014; WU *et al.*, 2016).

Os acidentes são mais frequentes em estudantes de odontologia, possivelmente porque ainda estão em processo de aprendizagem e, consequentemente, possuem pouca habilidade e habilidade no manuseio de materiais. Portanto, as imunizações reduzem o risco de infecções e, consequentemente, protegem não apenas a saúde dos componentes da equipe odontológica, como a de seus pacientes e familiares (FERNANDES *et al.*, 2014, HARIDI *et al.*, 2016).

A vacina confere imunidade a acadêmicos de odontologia que são frequentemente expostos a sangue e outros fluidos corporais, desde que seja alcançada a adesão ao número de doses recomendado, embora seja necessária a comprovação de imunidade. Dos quatro acadêmicos que não foram imunizados, 3 são do sexo masculino. Embora resultados semelhantes tenham sido relatados anteriormente, 19 em que as mulheres apresentaram maior nível de anti-HBs, as diferenças de gênero não foram consideradas relevantes mesmo quando os programas de vacinação foram desenvolvidos (SILVA *et al.*, 2014). Esses dados corroboram outro estudo realizado por (SOUZA *et al.*, 2014), que constatou que 80% de todos os cirurgiões-dentistas demonstraram resposta adequada à vacina, sendo a maioria mulheres.

As primeiras vacinas criadas originaram-se do plasma sanguíneo purificado de pessoas com HB assintomática, estabelecendo dúvidas e inseguranças sobre a eficácia, tamanho dos efeitos colaterais e infecção pelo HIV. Porém, hoje, com a evolução genética e tecnológica, as vacinas são produzidas em maiores contingências, sendo mais seguras e imunogênicas (WU *et al.*, 2016).

Tada *et al.*, 2014, afirmaram que é uma vacina eficaz (90 a 95% das respostas vacinais em adultos imunocompetentes) e segura. O estudo de Silva *et al.* 20 verificou

que a resposta adequada de anticorpos à vacina HBV ocorre em mais de 90% de todos os adultos saudáveis que completam a série de três doses recomendada.

Em relação aos exames laboratoriais, os resultados mostraram que 96% estavam imunizados. Outros estudos (ARANTES *et al.*, 2015; SOUZA *et al.*, 2015; GARBIN *et al.*, 2016) observaram resultados semelhantes enfatizando que a não testagem sorológica pós-vacinal pode dar a falsa segurança da proteção conferida pela imunização, pois, apesar da alta eficácia da vacina HB, cerca de 5 a 10% não são imunizados, a revacinação é necessária com uma segunda série de 3 doses.

Sabe-se que existem fatores que predispõem à falha da resposta imune, como fatores genéticos, local de aplicação da vacina, concomitância com outras doenças, condições de armazenamento e manuseio da vacina. Portanto, o teste de soro conversão é necessário para verificar a eficácia do calendário vacinal, prevenindo os riscos de contaminação do vírus (GARBIN *et al.*, 2016, GARBIN *et al.*, 2020).

Embora este estudo tenha sido realizado entre estudantes de odontologia de uma única universidade estadual, não representando todas as universidades da região, os dados obtidos são importantes para a elaboração e intensificação de estratégias efetivas para o desenho de ações voltadas à prevenção e controle da infecção pelo HBV em esses futuros profissionais.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a prevalência de soro conversão foi de 96,03%, correspondendo a 97 alunos imunizados.

Apesar de todos os acadêmicos de odontologia terem completado o ciclo vacinal (3 doses), 4 não foram imunizados. A limitação foi (n=16) alunos que não desejaram participar da pesquisa.

A vacinação e a necessidade de teste sorológico (anti-HBs) para verificação da imunização devem ser incentivadas a todos os acadêmicos de odontologia.

Sugere-se incluir a apresentação da carteira de vacinação e o resultado do teste sorológico (anti-HBs) como documentos obrigatórios para acesso aos cursos de graduação em Odontologia.

REFERÊNCIAS

- ABICH DR, *et al.* Imunização contra o vírus de hepatitis B em estudantes de saúde. **Contexto & Saúde.** v.16, n 1, p. 77-84, 2016.
- ARANTES DC *et al.* Biossegurança aplicada a odontologia da Universidade Federal do Pará, na cidade de Belém, estado do Pará, Brazil. **Rev Pan-Amaz Saude** v.6, n.1, p. 11-18 2015.
- ASSUNÇÃO AA *et al.* Hepatitis B vaccination and occupation exposure in the healthcare sector in Belo Horizonte, Southeastern Brazil. **Rev Saúde Pública.** 2012, v. 46, n. 4, p. 65-73, 2015.
- CARNEIRO GGVS, CANGUSSU MCT. Prevalência presumível, cobertura vacinal, conhecimentos e atitudes relativos à hepatite B em graduandos de Odontologia da Universidade Federal da Bahia. **Rev Odont Unesp.** v. 38, n.1, p.7-13, 2009.
- COSTA FM *et al.* Fatores associados com a verificação de imunização pós vacinal contra hepatite B entre profissionais de atenção primária. **Cad Saúde Colet.** v.25, n.2, p.192-200, 2017.
- FERNANDES CNS *et al.* Prevalence of seropositivity for hepatitis B and C in pregnant. **Rev Esc Enferm USP.** n.48, v.1, p. 91-98,2014.
- FERREIRA LQ *et al.* Hepatitis B: knowledge and attitudes of dentistry students. **Arch Health Inves.** v.7, n.7, p. 258-261, 2018.
- GARBIN AJI, WAKAYAMA B, GARBIN CAS. Negligence in health self-care: immunization against hepatitis B in Dentistry. **Arch Health Invest;** n.5, v.2, p. 85-89, 2016.
- GARBIN CAS *et al.* A cross-sectional study on dental surgeons' immune status against hepatitis B virus in the Public Health System. **Rev Inst Med Trop de São Paulo.** v.62, n.18, 2020.
- HARIDI HK, AL-AMMAR AS, AL-MANSOUR MI. Compliance with infection control standard precautions guidelines: a survey among dental healthcare workers in Hail Region, Saudi Arabia. **Journal of Infection Prevention.** v.17 n.6, p.268–276, 2016.
- LAGES SMR *et al.* Formação em odontologia: o papel das instituições de ensino na prevenção do acidente com exposição a material biológico. **Ciência e trabalho.** v.54, p.182-187, 2015.
- MARTINS AMEBL *et al.* Factors associated with immunization against Hepatitis B among workers of the Family Health Strategy Program. **Rev. Bras. Enferm.** v.68, n.1, p.84-92, 2015.
- MARTINS RJ *et al.* Adesão às precauções padrão sob o prisma do modelo de crenças em saúde: a prática de reencapar agulhas. **Cienc Saúde Colet.** v.20, n.1, p.193-198, 2015.

MILFON JAC, OLIVEIRA AHA. Equipamentos de proteção individual em odontologia: revisão integrative de literature. **Rev. Interf. Saúde. Humanas e tecnologia.** v.3, n.8, p.01-06, 2015.

MOMENI N *et al.* HBV Vaccination status and response to hepatitis b vaccine among iranian dentists, correlation with risk factors and preventive measures. **Hepat Mon.** v.15, n.1, 2014.

SILVA BASS *et al.* Adesão à vacina contra hepatite B entre cirurgiões dentistas. **Rev. Interd.** 2016; v.9, n.4, p.114-121, 2016.

SILVA FAG, GUEDES EA, MIASATO JM. Prevalência da vacinação contra hepatite B de graduandos em odontologia da UNIFESO/RJ. **Arquivos em Odontologia.** v.45, n.3 ,p.117-121, 2015.

SILVA MF JUNIOR *et al.* Conhecimento atual sobre a necessidade de imunização da hepatite B dos acadêmicos da área da saúde de uma universidade brasileira. **Arq Odontol** 2014; v.50, n.3, p131-137.

SOUZA EP, TEIXEIRA MS. Hepatitis B Vaccination coverage and postvaccination serologic testing among medical students at a publica university in Brazil. **Rev Inst Med Trop.** 2014; v.56, n.4, p307-311.

SOUZA FO *et al.* Vacinação contra hepatite B e anti-HBS entre trabalhadores da saúde. **Cad. Saúde Colet.** v.23, n.2, p172-179, 2015.

TADA A, WATANABE M, SENPUKU H. Factors influencing compliance with infection control practice in Japanese dentists. **International Journal of Occupational and Environmental Medicine.** v.5, n.1, p24–31, 2014.

TAKEMOTO MM *et al.* Perfil de imunização contra hepatite B dos alunos do curso de odontologia da UCEFF. **Rev. Tecnológica.**v.6, n.1, p1-6, 2017.

TEIXEIRA SO *et al.* Hepatitis B: Knowledge and vaccination coverage of dental students in college São Lucas. **Clipe Odonto.** v.8, n.2, p26-35, 2016.

WU L *et al.* Attitudes and practices surrounding occupational blood-borne pathogen exposure amongst students in two Chinese dental schools. **Eur J Dent Educ.** v.20, n.4, p.206-212, 2016.

Capítulo 4
**AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE MASTIGATÓRIA
DE ADOLESCENTES COM MÁ OCLUSÃO**

Ana de Lourdes Sá de Lira
Ana Gabrielle Silva de Oliveira
Sávio Henrique Lira Campos
André Vinícius Lira Campos



AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE MASTIGATÓRIA DE ADOLESCENTES COM MÁ OCLUSÃO

Ana de Lourdes Sá de Lira

*Professora Associado II do curso de odontologia da Universidade
Estadual do Piauí.*

Ana Gabrielle Silva de Oliveira

Acadêmica de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Sávio Henrique Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.

André Vinícius Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.

RESUMO

A capacidade mastigatória está relacionada com o número de dentes envolvidos, a força, duração e ciclos durante a mastigação. Porém, pouco se discute sobre as características dos alimentos utilizados na avaliação da mastigação. O presente estudo teve como objetivo comparar a capacidade mastigatória de adolescentes, em ambos os gêneros, que apresentavam algum tipo de má oclusão. Participaram da pesquisa 378 alunos do ensino fundamental e médio, de 12 a 17 anos, divididos em duas turmas com 189 alunos. G1 (de 12 a 14 anos) e G2 (de 15 a 17 anos), cada turma com 63 alunos de cada idade. A capacidade mastigatória foi avaliada após testes com biscoito wafer e castanha. Os resultados evidenciaram que as más oclusões mais prevalentes foram Classe I (58%) e Classe II (36,7%), e a menos prevalente foi a Classe III (5,3%). Para ambos os gêneros no G2, houve maior tempo mastigatório de ambos os alimentos ($p = 0,01$). O tempo de mastigação (média $30,44 \pm 12,94$ para o biscoito wafer e $26,63 \pm 9,87$ para castanha) ($p = 0,01$) para as mulheres foi maior do que para os homens com os dois alimentos testados. O ciclo mastigatório com wafer foi significativamente maior ($p = 0,01$) para o gênero feminino. Concluiu-se que a má oclusão mais prevalente foi a Classe I. A evolução da capacidade mastigatória ocorreu proporcionalmente à idade dos adolescentes e ao maior número de contato oclusal de dentes posteriores. O tempo médio de mastigação do grupo que usou biscoito wafer foi maior do que o grupo que usou castanha para ambos os gêneros, sem diferença entre os gêneros quanto aos ciclos de mastigação. **Palavras-chave:** Má oclusão. Mastigação. Adolescente. Sistema Estomatognático. Fenômenos Fisiológicos Dentários.

ABSTRACT

Masticatory capacity is related to the number of teeth involved, strength, duration and cycles during mastication. However, little is discussed about the characteristics of the foods used in the evaluation of mastication. The present study aimed to compare the masticatory capacity of adolescents, of both genders, who had some type of malocclusion. A total of 378 elementary and high school students, aged 12 to 17, participated in the research, divided into two groups with 189 students. G1 (from 12 to 14 years old) and G2 (from 15 to 17 years old), each class with 63 students of each age. The chewing capacity was evaluated after tests with wafer biscuit and chestnut. The results showed that the most prevalent malocclusions were Class I (58%) and Class II (36.7%), and the least prevalent was Class III (5.3%). For both genders in G2, there was longer chewing time for both foods ($p = 0.01$). The chewing time (mean 30.44 ± 12.94 for the wafer biscuit and 26.63 ± 9.87 for the chestnut) ($p = 0.01$) for women was longer than for men with the two foods tested. The chewing cycle with wafer was significantly higher ($p = 0.01$) for females. It was concluded that the most prevalent malocclusions was Class I. The evolution of masticatory capacity occurred proportionally to the age of the adolescents and to the greater number of occlusal contact of posterior teeth. The mean chewing time of the group that used wafer cookies was longer than the group that used chestnuts for both genders, with no difference between genders in terms of chewing cycles.

Keywords: Malocclusion. Chewing. Adolescent. Stomatognathic System. Dental Physiological Phenomena.

INTRODUÇÃO

A má oclusão é uma relação anormal dentária ou dentoalveolar, interferindo na relação interarcos, com fatores etiológicos hereditários ou ambientais, que ocasionam deformidades estéticas e funcionais, bem como, problemas psicossociais ao paciente. Assim devido ao impacto negativo no bem-estar do indivíduo e alta prevalência, é considerada pela saúde pública um problema social (Moreira *et al.*, 2015; Silveira *et al.*, 2016; Martins *et al.*, 2019).

A presença da má oclusão poderá predispor à seleção de alguns tipos de alimentos em virtude da dificuldade de mastigação, podendo ocasionar danos à saúde, como por exemplo, a desnutrição (Araújo *et al.*, 2014; Chiodelli *et al.*, 2015; Gameiro *et al.*, 2017; Alam & Alfawzan, 2020).

A capacidade mastigatória é a habilidade de trituração dos alimentos e está relacionada com o número de dentes envolvidos, a força, duração e ciclos durante a mastigação. A textura, consistência e volume dos alimentos também influenciam a capacidade mastigatória, podendo ser analisada clinicamente com diversos recursos

tecnológicos (Toro *et al.*, 2006; Imamura *et al.*, 2015; Araujo *et al.*, 2016; Silveira *et al.*, 2016).

A capacidade mastigatória dos pacientes foi comparada e constatada a melhora após o tratamento ortodôntico, devido a obtenção de corretos contatos oclusais (Silveira *et al.*, 2016; Gameiro *et al.*, 2017).

Assim, a relevância prática desta pesquisa foi investigar a capacidade mastigatória de adolescentes entre 12 e 17 anos com má oclusão ao testar dois tipos de alimentos de consistências diferentes, enfatizando a má oclusão mais prevalente e sua influência na mastigação.

A hipótese nula da pesquisa consistiu em que os ciclos e os tempos de mastigação seriam os mesmos do início ao final da adolescência, durante o desenvolvimento da dentição permanente, para ambos os gêneros. Além de que o tipo de má oclusão não interferiria na capacidade mastigatória e nos ciclos mastigatórios dos adolescentes.

Com base nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi comparar a capacidade mastigatória de adolescentes, em ambos os gêneros, que apresentavam algum tipo de má oclusão.

MATERIAL E MÉTODOS

Aspectos éticos

Após a aprovação ética do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Piauí - CEP / UESPI, sob o número 2.537.167, foi realizado um estudo transversal e quantitativo.

População de estudo

O cálculo amostral baseou-se na população-alvo: adolescentes de 12 a 17 anos, da cidade de Parnaíba-PI, totalizando cerca de 23.500, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010. Com base em a fórmula do tamanho da amostra um número de 378 estudantes foi obtido. Esse número mínimo de participantes foi considerado suficiente levando-se em consideração as análises propostas, o erro amostral de 5% e o nível de confiança de 95%, indicando que a probabilidade do erro da pesquisa não ultrapassava 5% (Fontelles *et al.*, 2010).

Participaram da pesquisa 378 alunos do ensino fundamental e médio, de 12 a 17 anos, divididos em duas turmas com 189 alunos. G1 (de 12 a 14 anos, estágios inicial e intermediário da adolescência) e G2 (de 15 a 17 anos, estágio final da adolescência), sendo cada grupo com 63 alunos de cada idade. Somente a idade cronológica foi utilizada para determinar os participantes dos grupos, sem uma avaliação radiográfica carpal ou vertebral da telerradiografia. Os alunos foram divididos em dois grupos com intuito de investigar se haveria a possibilidade em idades mais elevadas haver maior capacidade mastigatória.

Os participantes estudavam na Escola Estadual Senador Chagas Rodrigues e na Escola Municipal Professora Albertina Furtado Castelo Branco - CAIC, escolhidas por sorteio.

Os escolares foram incluídos aleatoriamente. Como critérios de inclusão foram os escolares entre 12 e 17 anos considerados adolescentes segundo o estatuto da criança e adolescente, que cursavam o ensino fundamental e médio e aceitaram participar da pesquisa. Adolescentes na dentição permanente, sem ausência dentária, sem algum tipo de má oclusão e não usassem aparelho ortodôntico. Os critérios de exclusão foram os escolares com síndrome ou necessidade especial, incapazes de compreender e responder aos questionários, como os com déficit cognitivo, síndromes ou auditivos, os com oclusão normal, aqueles que não permitiram o exame odontológico, os que estavam realizando tratamento ortodôntico, os não que desejaram participar da pesquisa ou cujos pais não autorizaram sua participação.

Instrumentos para coleta de dados

O questionário aplicado aos adolescentes pela ortodontista e professora responsável pela pesquisa foi previamente testado e validado por Whitaker et al. (2009) ao realizar um estudo sobre mastigação e deglutição em crianças e adolescentes. Para avaliação da mastigação o questionário foi aplicado duas vezes de acordo com o alimento testado. Primeiramente ao ser testado o alimento de consistência mole, fácil de mastigar, o biscoito wafer e posteriormente com o alimento duro, com certo grau de dificuldade de mastigação, a castanha. O tipo de mastigação foi avaliado com cada alimento testado conforme (Quadro 1).

Quadro 1 - Questionário aplicado aos alimentos: biscoito wafer e castanha.

Alimentos testados: _____

1. Forma de apreensão de alimentos

Dentes anteriores () Dentes posteriores () Lateralmente () Quebra com os dentes

() Parte com as mãos ()

2. Movimento mandibular

() Vertical e lateral () Vertical () Mínimo () Ausente

3. Tipo de mastigação

() Unilateral esquerdo () Bilateral simultâneo

() Unilateral à direita () Bilateral alternado

4. Musculatura perioral

() Ausente () Pouco () Presente

5. Lábios

() Selado () Às vezes separado () Separado

6. Tremor

() Ausente () Lábios () Língua () Mandíbula

7. Contração do masseter

() Forte () Regular () Fraco

8. Coordenação de movimento

() Adequado () Inadequado

9. Fuga da comida para região anterior

() Ausente () Presente

10. Amassar o alimento com a língua

() Ausente () Presente

11. Movimento da cabeça

() Ausente () Presente

12. Região de trituração de alimentos

() Anterior () Posterior

13. Respiração durante a função mastigatória

() Nasal () Nasobucal () Respiração pela boca

14. Ruídos na ATM

() Ausente () Clique () Estalido

15. Tempo de mastigação (_____segundos)

16. N ° ciclos de mastigação / min (_____)

17. Formação de bolo alimentar

() Completo () Parcial () Não forma

18. Presença de

☐ Tosse ☐ Asfixia ☐ Dispneia

19. Dor durante a mastigação

☐ Ausente ☐ Presente

Previamente ao exame clínico, dois pesquisadores foram calibrados na Clínica Escola de Odontologia (CEO) da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Parnaíba, para identificação de má oclusões e domínio do teste de avaliação do tempo e dos ciclos mastigatórios no exame de 30 adolescentes não participantes da pesquisa, submetida a tratamento odontológico.

Estudo piloto

Foi realizado um estudo piloto com 30 adolescentes, 15 de cada gênero, que não participaram da pesquisa, atendidos na CEO, com o objetivo de testar a metodologia proposta. Como resultado, sua viabilidade foi observada sem ajuste. Para medir a reprodutibilidade diagnóstica intra e interexaminador, 10,5% do total da amostra (n=38) foi duplamente checado por cada um dos dois examinadores, sendo o coeficiente Kappa de concordância intra e interexaminador de 0,83 e 0,82, respectivamente (Peres; Traebert; Marcenes, 2001).

Coleção de dados

Nas escolas, os pesquisadores selecionaram alunos com algum tipo de má oclusão para participarem da pesquisa, de acordo com o cálculo amostral. Em seguida, todos os adolescentes selecionados foram avaliados igualmente, com os dois tipos de alimentos, durante o preenchimento do questionário. Foi mantido o alimento de consistência amolecida, o biscoito wafer, utilizado na pesquisa de referência por ser de fácil aquisição no comércio à varejo de alimentos, porém, o alimento amêndoa, de consistência dura, foi substituído por castanha, por ser típico e de fácil aquisição na região Nordeste do Brasil, onde foi realizada a pesquisa.

Foi avaliada a mastigação para wafer e castanha e observada a forma de apreensão: lateral, anterior ou posterior. Os movimentos mandibulares foram investigados, bem como a participação dos lábios, da musculatura perioral e do músculo masseter durante a mastigação. A coordenação da mastigação do alimento foi analisada se era unilateral, com predomínio do lado esquerdo ou direito, se era bilateral ou bilateral alternada. Para maior precisão, o tempo e o ciclo mastigatório

foram contados por meio de filmagem para verificar a quantidade de movimentos mastigatórios. Com alimentos mais macios, como wafer, esperava-se uma média de quatorze ou quinze ciclos de mastigação, e com alimentos mais duros, como castanha, treze ciclos (Whitaker *et al.*, 2009).

Análise estatística

A estatística descritiva foi obtida, com percentuais e frequências, utilizando-se o SPSS, em sua versão 22. O teste de Mann-Whitney foi aplicado para identificar se o número de ciclos mastigatórios por minuto e o tempo mastigatório e se havia diferença significativa entre grupos e gêneros, a fim de testar a hipótese nula de que os dois grupos (G1 e G2) possuem a mesma função de distribuição dos alimentos testados. O teste Shapiro-Wilk foi aplicado para observar a distribuição normal entre os grupos. Com o teste Qui-quadrado, os gêneros foram comparados quanto às variáveis, ao nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Esta pesquisa foi constituída por 376 alunos, com algum tipo de má oclusão, entre 12 e 17 anos. Os dados epidemiológicos foram apresentados na Tabela 1. Dois alunos não foram incluídos porque seus questionários não foram totalmente respondidos.

Considerando-se que 376 corresponde a 100% das amostras, observou-se um número maior de participantes do gênero feminino. A má oclusão mais prevalente foi a Classe I (58%). Enquanto a má oclusão menos prevalente foi a Classe III (5,3%).

Tabela 1. Dados epidemiológicos dos 376 participantes da amostra

Variáveis	Feminino	Masculino	Total	Valor de p
Gênero	198	178	376	0,05*
Idade média	14,32	14,67	14,49	0,10
Classe I	127	91	218	0,01**
Classe II	73	65	138	0,05*
Classe III	9	11	20	0,07

Fonte. Os autores

Nota. * significância a 5%; ** significância a 1%.

Em ambos os grupos, o tempo de mastigação com ambos os alimentos testados, foi significativamente maior no gênero feminino ($p = 0,01$) do que no masculino, rejeitando a hipótese nula. Em relação ao ciclo mastigatório / min de com o wafer, observou-se que não houve diferença significativa entre os gêneros. Já com a castanha, o ciclo mastigatório foi significativamente maior ($p = 0,01$) para o gênero feminino em ambos os grupos, rejeitando a hipótese nula.

A Tabela 2 apresentou a média e mediana, tempo e ciclo mastigatório de wafer e castanha dos adolescentes de acordo com a má oclusão. Assim, verificou-se que, para ambos os gêneros, o tempo de mastigação com ambos os alimentos foi maior nos adolescentes com má oclusão de Classe I ($p = 0,01$). Assim como o tempo mastigatório com wafer foi maior do que com castanha em todas as más oclusões ($p = 0,01$). Quanto ao número de ciclos mastigatórios os valores foram aproximados para ambos os alimentos testados nas más oclusões ($p = 0,09$).

Tabela 2. Média e mediana do tempo e ciclo mastigatório de estudantes baseados na má oclusão.

Má oclusão	Tempo de mastigação em segundos		Número de ciclos mastigatórios/ minutos	Valor de p	Valor de p	Valor de p
	Wafer	Castanha				
	Média / Mediana	Média/ Mediana		Média/ Mediana	Média/ Mediana	
Classe I	34,85/36	29,78/30	0,01**	43,37/41	43,12/41	0,09
Classe II	29,95/31	27,49/27		48,69/49	48,12/49	
Classe III	27,36 /26	23,65/23		50,39/49	50,73/51	

Fonte. Os autores

Nota. ** significância a 1%.

Além disso, foi demonstrado na Tabela 3 que o tempo de mastigação (média / mediana) para as mulheres foi maior do que para os homens com os dois alimentos testados.

Tabela 3. Tempo mastigatório em segundos dos alimentos biscoito wafer e castanha por gênero.

Medidas	Wafer			Castanha			p
	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino	Total	
Média/dp	30,44±12,94	28,55±13,24	29,55	26,63±9,87	24,86±10,43	25,79	0,01**
Mediana	30,00	28,00	30,00	25,00	23,00	25,00	

Fonte. Os autores.

Nota. ** significância a 1%.

Das 18 questões aplicadas sobre a capacidade mastigatória, apenas 11 apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros, com predominância no feminino, quando foi testada a castanha nos grupos etários. Por exemplo, em G1 as mulheres predominantemente apreenderam o biscoito wafer anteriormente, com mastigação alternada, ação perioral excessiva, com lábios às vezes afastados, contração regular do masseter, trituração na região posterior, com respiração oronasal, mas sem sintomatologia dolorosa durante a mastigação (Tabela 4).

Com o teste de Mann-Whitney houve rejeição da hipótese nula entre os grupos quanto ao tempo de mastigação e ciclos de mastigação por minuto com os dois alimentos: wafer e castanha. Confirmado pelo teste normalidade Shapiro-Wilk com rejeição da hipótese nula, uma vez que houve distribuição diferente entre os grupos com os alimentos testados ($p < 0.05$).

Tabela 4. Variáveis analisadas com melhor capacidade mastigatória com castanha, para ambos os gêneros valor de p significativo em negrito, quando os grupos foram comparados com aplicação do teste Qui-quadrado.

Variáveis	Situação	G1		G2	
		Valor de p		Valor de p	
Apreensão do alimento	Anterior	0,028		0,07	
		0	2	5	2
	Posterior	0,06		0,001***	
		0	2	4	2
	Lateral	0,06		0,05*	
		9	5	5	5

Abordagens em Saúde: Física, Mental e Social

Tipo de mastigação	Unilateral esquerda	6	5	0,09	3		0,08
	Unilateral direita	4	8	0,07	7	7	0,06
	Alternada			0,05			0,07
		9	6		4	2	
	Bilateral	0	0	0,08	5	5	0,005**
Ação da musculature Perioral	Ausente			0,07			0,001***
		1	1		5	5	
	Pouco			0,09			0,07
		9	4		2	6	
	Excessiva			0,04			0,08
Lábios		9	4		2	8	
	As vezes afastados	4	2	0,03			0,07
	Em contato			0,09			0,09
		5	7		3	0	
	Forte			0,08			0,07
Contração do masseter		8	6		8	8	
	Regular			0,05			0,08
		2	4		5	2	
	Fraca			0,08			0,012**
		9	9		6	9	
Escape anterior do alimento	Ausente			0,06			0,05*
		9	9		9	0	
Amasso do alimento com a língua	Ausente			0,06			0,001***
		9	9		9	8	
Local de trituração dos alimentos	Posterior			0,015			0,01**
		8	8		0	8	
	Lateral			0,09			0,09
		1	1			1	

Respiração durante a mastigação	Nasal			0,06			0,01**
		9	9		8	8	
	Oro-nasal/oral			0,05			0,07
		0	0		1	1	
Formação do bolo alimentar	Sim			0,09			0,09
		9	9		9	9	
Dor durante a mastigação	Ausente			0,09			0,09
		9	9		9	9	

Fonte. Os autores.

Nota. G1(de 12 a 14 anos, estágios inicial e intermediário do surto de crescimento puberal); G2 (de 15 a 17 anos, estágio final do surto de crescimento puberal); F (Feminino); M (masculino); * significância a 5%; ** significância a 1%;*** significância < 1%.

DISCUSSÃO

Em relação às más oclusões, observou-se maior prevalência de Classe I e menor prevalência de Classe III. Esses achados foram compatíveis com os de outros autores ao observarem que a má oclusão mais prevalente foi a Classe I e a menos prevalente a Classe III. Isto pode ser justificável devido ao fato de as más oclusões serem influenciadas por fatores etiológicos genéticos e ambientais como por exemplo, padrão alimentar, higiene bucal e hábitos bucais deletérios (Araujo *et al.*, 2014).

Foi possível observar que o G2 apresentou melhor capacidade mastigatória do que o G1, quanto às variáveis estudadas, sugerindo a importância do crescimento e desenvolvimento dentofacial para que tal condição ocorra (Tabela 4). Vale ressaltar que alguns autores constataram que crianças e adolescentes com má oclusão não mastigam tão bem quanto aqueles com oclusão normal e que quanto menor o contato dentário, pior será a capacidade mastigatória. Também afirmaram que a força mastigatória aumenta progressivamente entre 7 e 17 anos devido ao desenvolvimento da musculatura mastigatória esquelética durante o crescimento puberal (Lira *et al.*, 2016; Mitchem; Katona; Moser, 2017).

Os dois tipos de más oclusões mais frequentes neste estudo, Classe I e Classe II, apresentaram maior número de contatos dentários na região posterior, local onde os alimentos são triturados, proporcionando um tempo de mastigação maior com

wafer (Tabela 2). Apesar do wafer ter sido melhor triturado do que a castanha, a capacidade mastigatória deste alimento melhorou nas idades ao final do surto de crescimento, em especial no gênero feminino (Tabela 4).

Quando os gêneros foram avaliados separadamente, o tempo mastigatório médio para as mulheres foi maior do que para os homens com ambos os alimentos testados (Tabela 3), provavelmente devido à evolução da dentição e da musculatura esquelética mastigatória. Consequentemente, o aumento da capacidade mastigatória ocorreu mais cedo no gênero feminino, possivelmente devido ao desenvolvimento puberal mais precoce neste gênero, conforme observado por outros autores (Lira *et al.*, 2016; Roldán *et al.*, 2016; Mitchem; Katona; Moser, 2017).

De acordo com esta pesquisa, constatou-se que as dimensões dos alimentos podem influenciar no tempo médio de mastigação. As medidas médias das castanhas eram de 3 cm de largura, 2 cm de comprimento e 1 cm de espessura, enquanto os biscoitos wafer inteiros tinham em média 3 cm de largura, 3 cm de comprimento e 1 cm de espessura. No entanto, o tempo de mastigação (média / mediana) com wafer foi maior do que com castanha em todas as más oclusões (Tabela 2) e para ambos os gêneros (Tabela 3), sugerindo que os adolescentes mastigam alimentos de textura macia por mais tempo do que alimentos duros. Esses dados corroboram o estudo de outros autores ao afirmarem que alimentos de diferentes dimensões e características podem determinar diferenças significativas no tempo de mastigação (Silveira *et al.*, 2016).

Em relação à quantidade de ciclo mastigatório/minuto, os valores foram aproximados para os dois alimentos testados em todas as más oclusões provavelmente pelo fato de possuírem dimensões semelhantes, facilitando a mastigação (Tabela 2). Não houve diferença significativa entre os gêneros na mastigação com wafer provavelmente porque a consistência macia do alimento favoreceu o desenvolvimento dos ciclos mastigatórios. Outros autores que verificaram haver compatibilidade entre os gêneros quanto ao número de ciclos mastigatórios, observaram resultados semelhantes (Silveira *et al.*, 2016).

Porém, em relação à castanha, houve um predomínio significativo para o gênero feminino no G1. Entretanto no G2 os ciclos mastigatórios/minuto foram aproximados para ambos os gêneros, provavelmente devido à evolução da dentição esperada de forma semelhante para todos. Esse resultado foi observado por outros autores ao afirmarem que ao final da adolescência, os músculos mastigatórios já estão

totalmente desenvolvidos, aumentando a capacidade mastigatória. Tal qual nosso estudo, concluíram que nessa idade era esperado que não houvesse diferença entre os gêneros quanto aos alimentos testados, quanto ao tempo e ciclo de mastigação (Roldán *et al.*, 2016).

Este estudo evidenciou que em ambos os grupos, as mulheres tiveram um desempenho melhor do que os homens em todos os estágios de formação do bolo alimentar. A Tabela 4 evidenciou os grupos com diferenças significativas ($p \leq 0,05$), quando o alimento castanha foi testado, baseado no teste aplicado (Quadro 1). Por exemplo, no G2, as mulheres apreenderam a castanha na região molar, mastigaram bilateralmente e tiveram formação adequada do bolo alimentar significativamente melhor. Porém, no G1 houve variação na significância estatística das questões analisadas, provavelmente porque o processo evolutivo mastigatório está em desenvolvimento durante a adolescência. Entretanto, outros autores constataram não haver diferença entre os gêneros quanto à eficiência mastigatória ao final da adolescência (Mamani *et al.*, 2015; Iodice *et al.*, 2016; Lira *et al.*, 2016; Said *et al.*, 2017).

Embora a avaliação clínica tenha sido realizada, muitos aspectos investigados ainda se baseiam em critérios subjetivos, impossibilitando a comparação dos resultados entre diferentes profissionais e centros de pesquisa. Este fato evidencia a necessidade de novos estudos nesta área.

Nesse contexto, no final da adolescência verificou-se que havia compatibilidade entre os gêneros quanto ao tempo mastigatório e ao número de ciclos mastigatórios, provavelmente devido ao desenvolvimento da musculatura esquelética mastigatória durante o crescimento puberal, com o estabelecimento definitivo do equilíbrio dentomuscular.

Devido às limitações deste estudo, sugere-se novas pesquisas que abordem o tema com avaliação das variáveis entre adolescentes com má oclusão com os de oclusão normal e estudos longitudinais para avaliar os diferentes padrões mastigatórios de adolescentes durante o desenvolvimento e maturação do sistema estomatognático.

CONCLUSÃO

Quanto as más oclusões, a mais prevalente foi a Classe I e a menos prevalente foi a Classe III. A evolução da capacidade mastigatória ocorreu proporcionalmente à

idade dos adolescentes e ao maior número de contato oclusal de dentes posteriores. O tempo médio de mastigação do grupo que usou biscoito wafer foi maior do que o grupo que usou castanha para ambos os gêneros. No entanto, foi maior para mulheres com ambos os alimentos testados. Em relação ao número de ciclos mastigatórios, observou-se que não houve diferença significativa entre os gêneros com o biscoito wafer, enquanto com a castanha houve predomínio do gênero feminino.

REFERÊNCIAS

ALAM MK., ALFAWZAN AA. Maximum voluntary molar bite force in subjects with malocclusion: multifactor analysis. **Journal International Medical Research**. v.48, n 10, p. 1-9, 2020.

ARAÚJO DS, *et al.* Evaluation of masticatory parameters in overweight and obese children. **European Journal Orthodontics**. v.38, n 4, p. 393-397, 2016.

ARAÚJO SC, *et al.* Bite force analysis in different types of Angle malocclusions. **Revista Cefac**, v.16, n 5, p. 1567-1578, 2014.

CHIODELLI L, *et al.* Association among stomatognathic functions, dental occlusion and temporomandibular disorders signs in asymptomatic women. **Revista Cefac**, v.17, n 1, p.117-125, 2015.

FONTELLES MJ, *et al.* Research methodology: guidelines for calculating the sample size. **Revista Médica**, v.24, n 2, p. 57-64, 2010.

GAMEIRO G, *et al.* Is the main goal of mastication achieved after orthodontic treatment? A prospective longitudinal study. **Dental Press Journal Orthodontics**, v.22, n 3, p. 72-78, 2017.

IMAMURA Y, *et al.* Influence of occlusal loading force on occlusal contacts in natural dentition. **Journal Prosthodont Research**, v.59, n 2, p. 113-120, 2015.

IODICE G, *et al.* Association between posterior crossbite, skeletal, and muscle asymmetry: a systematic review. **European Journal Orthodontics**, v.38 n 6, p. 638-651, 2016.

LIRA, SS, *et al.* (2016). Relationship between malocclusions and complaints of masticatory and gastrointestinal problems in children. **Arquivos Odontologia**, v.52, n 4, p.188-196, 2016.

MAMANI MH, *et al.* Brazilian translation and adaptation of the questionnaire D'alimentation. **Revista Cefac**, v.17, n 6, p. 1929-1938, 2015.

MARTINS LP, *et al.* (2019). Malocclusion and social vulnerability: a representative study of adolescents from Belo Horizonte, Brazil. **Ciência Saúde Coletiva**, v.24, n 2, p. 393-400, 2019.

MITCHEM JA, KATONA TR, MOSER EAS. (2017). Does the presence of an occlusal indicator product affect the contact forces between full dentitions? **Journal Oral Rehabilitation**, v.44, n 10, p. 791–799, 2017.

MOREIRA A, *et al.* Impact of malocclusion on primary and permanent dentition on the quality of life of children and adolescents: a literature review. **Revista Odontologia**, v.72, n 1, p. 70-75, 2015.

PERES MA, TRAEBERT J, MARCENES W. Proposed protocol for clinical evaluation of masticatory function. **Caderno Saúde Pública**, v.17, n 1, p.153-159, 2001.

ROLDÁN SI, *et al.* Are maximum bite forces of subjects 7 to 17 years of age related to malocclusion? **The Angle Orthodontist**, v.86, n 3, p. 456-461, 2016.

PALINKAS M, *et al.* Age and gender influence on maximal bite force and masticatory muscles thickness. **Archives Oral Biology**, v.55, n 10, p. 797–802, 2010.

SAID AV, *et al.* (2017). Relationship between maximum bite force and the gonial angle in crossbite. **Dental Oral Craniofacial Research**, v.3, n 5, p. 1-5, 2017.

SATHYANARAYANA HP, *et al.* Assessment of maximum voluntary bite force in adults with normal occlusion and different types of malocclusions. **Journal Contemporary Dental Practice**, v.13, n 4, p. 534–538, 2012.

SILVEIRA MF, *et al.* Severity of malocclusion in adolescents: population-based study in the north of Minas Gerais, Brazil. **Revista Saúde Pública**, v.50, n 11, p. 1-11, 2016.

TORO A, *et al.* Masticatory performance in children and adolescents with Class I and II malocclusions. **European Journal of Orthodontics**, v.28, n 2, p. 112-119, 2006.

WHITAKER M, TRINDADE A, GENARO K. Proposta de protocolo de avaliação clínica da função mastigatória. **Revista Cefac**, v.11, n 3, p. 311-323, 2009.

Capítulo 5
**EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS SOBRE O USO
TERAPÊUTICO DO CANABIDIOL FRENTE AO
TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA**

Gabrielle Ferreira
Carla Ribeiro Bernardo
Raíza Da Silva Pereira
Lunna Guerra Fabri
Aline Bressan
Ana Maria Florentino



EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS SOBRE O USO TERAPÊUTICO DO CANABIDIOL FRENTE AO TRANTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA

Gabrielle Ferreira

*Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ gabrielleizadora.fs@gmail.com*

Carla Ribeiro Bernardo

*Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ, carlaribeirob@hotmail.com*

Raíza Da Silva Pereira

*Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ, Rah.iza09@gmail.com*

Lunna Guerra Fabri

*Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ, lunnagfsp@gmail.com*

Aline Bressan

*Docente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ, alinebres@gmail.com*

Ana Maria Florentino

*Docente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citty
América – Rio de Janeiro – RJ, anamariaflor2013@gmail.com*

RESUMO: Introdução: O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é um transtorno psiquiátrico que se caracteriza pela preocupação excessiva. O paciente com TAG apresenta risco 33 vezes superior ao da população geral de apresentar transtorno depressivo maior e 20 vezes maior de apresentar transtorno de pânico. Objetivos:

Descrever e Discutir evidências científicas sobre a ação do canabidiol frente ao TAG. Método: Busca textual realizada no período de fevereiro a março de 2021, nas bases de dados: LILACS, SciELO e PubMed. Adotou-se como método a revisão sistemática de pesquisas sobre o uso terapêutico do Canabidiol. Resultados e Discussão: Com a descoberta e o estudo de receptores específicos no SNC e o isolamento da anandamida, as evidências dos efeitos terapêuticos do Canabidiol foram ganhando destaque. Pesquisas sugerem que o canabidiol possui afinidade com o receptor serotoninérgico 5-HT_{1A}, relacionado a efeitos ansiolíticos. Ademais, o potencial efeito da substância se encontra, sobretudo no sistema endocanabinóide, cuja principal função é a neuromodulação, podendo suscitar efeitos que alteram a percepção de dor, fome, esquecimento, ansiedade, aprendizado e memória. Devido ao seu suposto papel na modulação da plasticidade sináptica e atividade neuronal envolvida na resposta à ansiedade, o sistema endocanabinóide se tornou alvo terapêutico no desenvolvimento de drogas ansiolíticas. Conclusão: O uso terapêutico do CBD parece ser uma possibilidade quanto ao tratamento de sintomas psiquiátricos desde que sejam estabelecidos estudos que comprovem sua eficácia, bem como efeitos adversos e seu mecanismo de ação, sendo assim, a Cannabis Sativa é grande candidata a novas intervenções terapêuticas em pacientes com sintomas de ansiedade.

Palavras-chave: Cannabis. Ansiedade. Maconha Medicinal.

Abstract: Introduction: Generalized anxiety disorder (GAD) is a psychiatric disorder characterized by excessive worry. The patient with GAD has 33 times higher than the general population of major depressive disorder and 20 times of having panic disorder. Objectives: Describing and Discussing evidence that can be proven about the action of the GAD against the GAD. Method: Textual search carried out from February to March 2021, in the following databases: LILACS, SciELO and PubMed. A systematic review of research on the therapeutic use of cannabidiol was adopted as a method. Results and Discussion: With the discovery and study of prominent receptors in the CNS or isolation of andamide, as evidence of the therapeutic effects of were cannabidiol were in an exceptional way. Research claims that cannabidiol has 5-HT_{1A} property with serotonin receptor related anatomical effects. In addition, the potential effect of the substance is found, especially in the endocannabinoid system, whose main function is neuromodulation, which may cause effects that alter the perception of pain, hunger, forgetfulness, learning and memory. Due to its role in modulating plasticity in the response to anxiety, the endocannabinoid system has become the target of anxiological drug therapy Conclusion: The therapeutic use of CBD seems to be a possibility for the treatment of psychiatric symptoms provided that they are established that prove their effectiveness, as well as adverse effects and their mechanism of action, thus, the great ability to apply to new therapeutic interventions in patients with symptoms of anxiety.

Keywords: Cannabis. Anxiety. Medical marijuana.

INTRODUÇÃO

O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é um transtorno psiquiátrico que se caracteriza pela preocupação excessiva. De acordo com a quinta edição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5), para ser

diagnosticada, deve durar pelo menos seis meses e ser acompanhada de pelo menos três dos seguintes sintomas: inquietação, irritabilidade, fadigabilidade, perturbação do sono, tensão muscular e/ou dificuldade de concentração.

O paciente com TAG apresenta risco 33 vezes superior ao da população geral de apresentar transtorno depressivo maior e 20 vezes maior de apresentar transtorno de pânico (VASCONCELOS, 2015). Dados publicados em 2017 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que a prevalência mundial do transtorno de ansiedade é de aproximadamente 3,6% (264 milhões).

O Brasil, onde o transtorno de ansiedade está presente em 9,3% da população geral, se destaca, possuindo o maior número de casos de ansiedade entre todos os países do mundo. As situações que provocam ansiedade algumas vezes são suportadas com grande sofrimento e muitas das atividades exigem a participação de outras pessoas para que sejam realizadas – o que pode afetar a qualidade de vida e diminuir o grau de independência. Rompimentos sociais, de relacionamentos e abandono de atividades consideradas prazerosas também podem acontecer.

Dessa forma, a identificação desses acontecimentos pode direcionar ao tratamento precoce, diminuindo a gravidade desses quadros ao longo do desenvolvimento da doença (COSTA et al, 2019). Há na planta Cannabis uma diversidade de produtos químicos, totalizando mais de 500 substâncias e, entre elas, aproximadamente 80 fazem parte da classe dos canabinoides. Estes são responsáveis pelos efeitos psicoativos da planta e estão classificados em dois grupos: os canabinoides psicoativos, onde se encontra o D 9 - tetraidrocanabinol ($\Delta 9$ -THC) e o D 8 - tetraidrocanabinol ($\Delta 8$ -THC).

O canabinoide psicoativo de importância terapêutica é o $\Delta 9$ -THC. O $\Delta 8$ -THC apresenta menor efeito psicoativo que o $\Delta 9$ -THC. O Canabidiol, não apresenta efeito psicoativo e é utilizado como sedativo e anticonvulsivante, já o Canabinol possui efeito psicoativo observado somente por via intravenosa e apresenta atividade anti-inflamatória (SOUZA, 2017). Pesquisas mostraram que o cannabidiol se tornou alvo de vários estudos experimentais nas últimas décadas por ter um amplo espectro de propriedades farmacológicas como ação analgésica e imunossupressora, tendo ação no tratamento de isquemias, náuseas, câncer, diabetes e efeitos sobre os distúrbios de ansiedade (RODRIGUES, 2019). Ademais, Peixoto et al.(2020) demonstram que a Cannabis sativa, em especial o seu fitocanabinóidecannabidiol (CBD), pode servir como uma alternativa terapêutica para o controle da ansiedade devido ao seu

potencial ansiolítico e menor recorrência de efeitos colaterais em comparação aos benzodiazepínicos geralmente utilizados para o Transtorno.

O trabalho em questão tem como objetivo descrever os principais efeitos do canabidiol, presente na Cannabis, no tratamento do Transtorno de ansiedade generalizada. Entretanto, é relevante destacar que o uso da substância não é segura e apresenta muitos riscos para a saúde de seus usuários (DI FORTI, 2009; JOUANJUS, 2014; GAGE, 2017; BHATTACHARYYA, 2018; BLOOMFIELD, 2020; GIVERTZ, 2020).

METODOLOGIA

Este estudo adota como método a revisão sistemática e abrangente de estudos e pesquisas sobre o uso terapêutico do Canabidiol frente ao Transtorno de Ansiedade Generalizada. A busca textual foi realizada no período de fevereiro à março de 2021, nas seguintes bases de dados indexadas: LILACS (Literatura LatinoAmericana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (ScientificElectronic Library Online), e PubMed (Nationallibraryof Medicine). Como critérios de inclusão foram selecionados apenas artigos científicos empíricos de revisão ou meta-análise, em português ou inglês, publicados entre 2015 e 2020. Foram excluídas as publicações que não possuíam resumo indexado nas bases de dados listadas anteriormente, artigos de opinião, blogs, teses, editoriais e trabalhos que não se adequassem à temática proposta.

Os termos utilizados na busca isoladamente ou de forma combinada foram: Cannabis, Ansiedade e Maconha medicinal. Para sistematização e análise do material foram lidos na íntegra todos os artigos que contemplaram os critérios de inclusão e posteriormente feitas as sínteses das suas principais informações, tais como autoria, ano de publicação, delineamento metodológico, foco de estudo, resultados e conclusões. Foram também resumidas e integradas as sugestões e resultados dos estudos em geral, no que tange às pesquisas futuras no assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cannabis é o gênero de uma planta que popularmente é conhecida no Brasil como maconha, cuja espécie mais notória é a Cannabis sativa. Ela é composta por mais de 400 substâncias e abrange 60 tipos de canabinóides, desses dois se destacam pela finalidade terapêutica - o tetrahydrocannabinol (THC) e o canabidiol

(CBD) (DA SILVA, 2017). A planta Cannabis sativa é utilizada para fins medicinais há milhares de anos, por diferentes povos e em diversas culturas. Há evidências do uso da planta na China antes mesmo da Era Cristã para tratamento de inúmeras condições médicas. Do mesmo modo, sabe-se que a maconha também vem sendo utilizada para o alívio de sintomas psiquiátricos há bastante tempo (CRIPPA, 2010).

O THC além de seus efeitos terapêuticos também possui efeitos cognitivos e psicológicos conhecidos como “alucinógenos” da planta, o que faz com que ele tenha uma limitação em relação ao seu uso. Já o CBD vem recebendo expressiva atenção da medicina por causa de seus benefícios em diversas patologias e à princípio não causar dependência química (PEIXOTO, 2020). Dos principais constituintes da C. sativa, 40% é de canabidiol (CBD) cujo mecanismo de ação é relativamente conhecido (DA SILVA, 2017).

O interesse no estudo da Cannabis se deve a identificação de seus principais constituintes ativos, o r9-THC e o CBD e à descoberta de receptores canabinóides e de suas substâncias endógenas (endocanabinóides) agindo sobre eles (PEIXOTO, 2020). A partir de 1990, com a descoberta de receptores específicos no SNC e o isolamento da anandamida, um canabinóide endógeno, começaram a surgir estudos sobre essas substâncias, nos quais se destacava o surgimento de indícios de efeitos terapêuticos do Canabidiol com grande aplicabilidade clínica (DA SILVA, 2017).

O sistema endocanabinóide é considerado um regulador fisiológico homeostático único e difundido, cuja principal função é a neuromodulação que é capaz de gerar efeitos que alteram a percepção de dor, fome, esquecimento, ansiedade, aprendizado e memória. Além disso, ainda influencia no controle motor, na imunidade, na proliferação de células tumorais e também no processo inflamatório (PEIXOTO, 2020). Com isso, o sistema endocanabinóide é um alvo terapêutico promissor para o desenvolvimento de drogas ansiolíticas por causa de seu suposto papel na modulação da plasticidade sináptica e da atividade neuronal envolvida na resposta à ansiedade (SKELLEY, 2020).

Sabe-se que os CB1 e CB2 são respectivamente receptores canabinóides dos tipos 1 e 2 e que ambos estão acoplados à proteína G inibitória. Os receptores CB1 estão distribuídos preferencialmente no sistema nervoso central (SNC), principalmente na pré-sinapse e medeiam os efeitos psicotrópicos dos canabinóides. Esses receptores quando ativados inibem a adenilato ciclase inibindo a conversão de ATP em AMPc o que gera hiperpolarização neuronal e diminuindo a liberação de

neurotransmissores tais como GABA, glutamato, noradrenalina, serotonina e dopamina, podendo influenciar a cognição, a percepção, o funcionamento motor, apetite, sono, neuroproteção, neurodesenvolvimento e liberação hormonal, sendo assim, ao ligar-se ao receptor CB1 o Δ^9 -THC medeia a maioria dos efeitos no SNC (PEIXOTO, 2020).

Sobre os receptores CB2 sabe-se que estão localizados preferencialmente no sistema imunológico e hematopoiético, mas também já foram encontrados em algumas áreas do SNC, havendo uma expressão aumentada deles em determinados estados patológicos, por exemplo na dor crônica. Assim, neste contexto, os receptores canabinóides interferem com várias vias de sinalização para exercerem os seus efeitos nos diferentes tecidos e órgãos (PEIXOTO, 2020).

O canabidiol tem afinidade por ambos, os receptores e a concentração plasmática interferem nesta afinidade, além de proporcionar papel agonista em receptores serotoninérgicos e opióides (DA SILVA, 2017). Assim, há pesquisas que também sugerem que o canabidiol tem uma afinidade com receptor serotoninérgico 5-HT_{1A}, no que está relacionado ao efeito ansiolítico (PEIXOTO, 2020). Atualmente existe uma variedade de estudos que tem como objetivo esclarecer os efeitos terapêuticos do uso do CBD e designar uma maior aplicabilidade clínica para a substância (DA SILVA, 2017). Estudos mostram que o mecanismo de ação do CBD é diferente ao do Δ^9 -THC, sendo assim, sabe-se que o CBD sofre metabolismo de primeira passagem e é transformado em vários metabólitos ativos para o SNC, dentre eles pode-se mencionar o 7-hidroxi-CBD e ácido 7-oic-CBD.

Também se sabe que o tempo de meia-vida em humanos é em torno de 18 a 33 horas em administração intravenosa, 27 a 35 horas através do fumo e de 2 a 5 dias em administração por via oral. (PEIXOTO, 2020). Além disso, também se acredita que os efeitos do Δ^9 -THC são antagonizados pelo CBD, sendo que as propriedades do CBD são opostas ao Δ^9 -THC, que muitas vezes atua como ansiogênico e o CBD atua como ansiolítico (DA SILVA, 2017).

Estudos revisados pelos pesquisadores SCHIER et. Al. em 2012 analisaram amostras humanas e animais, sem limite de tempo e excluindo os estudos que analisaram o fumo da Cannabis, visto que não é possível estabelecer a dose, a composição e a proporção dos diferentes canabinóides nesse caso, além das grandes variações individuais nas amostras inscritas. Os animais foram submetidos a testes que os levariam a 180 situação de estresse e ansiedade no labirinto em cruz elevada

e foram divididos em três grupos: os que receberam CBD, os que receberam Diazepam e os que receberam o placebo.

Os resultados nesse estudo mostraram que os efeitos ansiolíticos do CBD estão presentes apenas em doses baixas (2,5; 5 e 10mg) e esses efeitos são compatíveis com o resultado apresentado nos animais que receberam Diazepam. Nos animais em que foram administradas doses de CBD maiores que 20 mg ou o placebo, eles não apresentaram efeitos ansiolíticos. (DA SILVA, 2017)

Nos testes com seres humanos foi realizado um estudo duplo-cego em 1982, composto por 8 voluntários com idade média de 27 anos, sem problemas de saúde e que não haviam usado Cannabis sativa nos últimos 15 dias. Esse estudo tinha como objetivo relacionar o uso de THC associado ao CBD com ansiedade. Esses voluntários receberam CBD, THC, THC com CBD, Diazepam e placebo em diferentes sequencias e dias. Os resultados demonstraram que o aumento da ansiedade após a administração de THC foi significativamente atenuado quando administrado junto com o CBD.

A partir dos resultados apresentados nesse estudo, pesquisadores resolveram testar o canabidiol em voluntários saudáveis expostos a situação de falar em público e medir os níveis de ansiedade a partir de uma escala de autoavaliação e os correlatos fisiológicos de ansiedade, como por exemplo frequência cardíaca, pressão arterial e condutância da pele. Assim, 300 mg de CBD bem como 10 mg de Diazepam e 5 mg de Ipsapirona, administrado de modo duplo-cego, atenuou significativamente a ansiedade induzida pela situação de falar em público. (DA SILVA, 2017). A partir das revisões realizadas por SCHIER et. al. (2012) foi possível concluir que as pesquisas apresentadas provaram que o canabidiol é uma substância com potencial ansiolítico e, por não apresentar efeitos psicoativos e não alterar a cognição, possui um perfil de segurança adequado, boa tolerabilidade, resultados positivos em testes com seres humanos e um amplo espectro de ações farmacológicas sendo possível ser utilizada na prática clínica.

Apesar disto, as pesquisas clínicas com o canabidiol não passaram da fase II, com amostras reduzidas o que não permite definir doses adequadas, efeitos adversos em curto e longo prazo, além da avaliação do potencial terapêutico nas diversas etnias no mundo. (DA SILVA, 2017) Além do mais, pesquisadores ao realizarem estudos recentes in vitro têm mostrado que o canabidiol é inibidor das enzimas do citocromo P450, o que determina interação farmacológica importante. Em animais foi

evidenciado uma diminuição do potencial terapêutico de fármacos anticonvulsivante, porém o mecanismo não está esclarecido (DA SILVA, 2017). Apesar de seu histórico de uso medicinal milenar, a Cannabis por muito tempo se manteve como uma fonte de controvérsia, com inúmeras restrições legais ao seu uso medicinal. Isso porque devido sua extração ter sido atrelada à droga vegetal ilícita, o CBD tem seu uso terapêutico permeado por um grande embate administrativo-legal, fundamentado em discursos que, na maioria das vezes, possuem conotação moralista (PEIXOTO, 2020).

No Brasil, o uso e plantio recreativo da maconha está proibido, porém, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizaram o uso de canabidiol para fins terapêuticos, todavia com limitações, isso porque não há importantes estudos desta substância no mundo e até o presente momento as pesquisas estão restritas a experimentos com animais e estudos clínicos fase I e II em humanos (PEIXOTO, 2020).

No segundo semestre de 2019, por meio da RDC 327/2019, a ANVISA criou a regulamentação dos produtos à base de Cannabis, assim, facilitando o registro desse tipo de produto que após receberem a autorização sanitária necessária poderão ser vendidos aos pacientes em farmácias e drogarias do país (excluindo as farmácias de manipulação). No entanto, a resolução sobre o plantio de Cannabis em território nacional para fins medicinais e de pesquisa não foi aprovada, o que de certa forma restringe a acessibilidade. No dia 22 de janeiro de 2020 foi aprovada a RDC 335/2020, que simplifica e traz agilidade ao acesso a esses produtos. Com essa resolução definiu-se novos critérios e procedimentos para a importação do CBD no Brasil por pessoa física, para uso próprio, para uso terapêutico mediante a prescrição de profissional legalmente habilitado (ANVISA, 2019; ANVISA 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos científicos, conclui-se que, há evidências que o CBD para fins medicinais com foco no Transtorno de Ansiedade Generalizada tem inúmeras vantagens, ainda que, não tenha sido completamente testado em humanos. Não obstante, devem ser realizadas pesquisas que evidenciem criteriosamente o efeito ansiolítico da Cannabis Sativa em seres humanos, levando em consideração todos os vieses que venham a surgir.

É de suma importância, então, que mais estudos sejam realizados a fim de proporcionar uma melhor abordagem à pacientes que sofrem de ansiedade, devendo

conhecer melhor sua eficácia quanto ao modo de uso para que a mesma não seja maléfica, apresentando o mínimo de reações adversas possíveis, bem como alcance objetivos terapêuticos satisfatórios com seu uso.

REFERÊNCIAS

- ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução de diretoria colegiada** – RDC nº327, de 09 de dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-da-diretoria-colegiada-rdc-n-327-de-9-de-dezembro-de-2019-232669072>. Acessado em: 10 de março 2021.
- ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução de diretoria colegiada** – RDC nº335, de 24 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-da-diretoria-colegiada-rdc-n-327-de-9-de-dezembro-de-2019-232669072>. Acessado em: 10 de março de 2021.
- BHATTACHARYYA, S. et al. **Effect of cannabidiol on medial temporal, midbrain, and striatal dysfunction in people at clinical high risk of psychosis: a randomized clinical trial**. Jama Psychiatry, v. 75, n. 11, p. 1107-1117, 2018.
- BLOOMFIELD, M. A. P et al. **The effects of acute cannabidiol on cerebral blood flow and its relationship to memory: An arterial spin labelling magnetic resonance imaging study**. Journal of Psychopharmacology, v. 34, n. 9, p. 981-989, 2020.
- COSTA, C. O. da et al. **Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos**. Jornal brasileiro de psiquiatria, vol.68, n.2, pp.92-100, 2019.
- CRIPPA, J. A. S.; ZUARDI, A. W. HALLAK, J. E. C. **Uso terapêutico dos canabinoides em psiquiatria**. BrazilianJournalofPsychiatry, v. 32, p. 556-566, 2010.
- DA SILVA, D. O. F. et al. **O Uso do Canabidiol no Tratamento da Ansiedade**. Revista de Medicina e Saúde de Brasília, v. 6, n. 2, 2017.
- DI FORTI, M. et al. **High-potency cannabis and the risk of psychosis**. The British Journal of Psychiatry, v. 195, n. 6, p. 488-491, 2009.
- GAGE, S. H. et al. **Assessing causality in associations between cannabis use and schizophrenia risk: a two-sample Mendelian randomization study**. Psychological medicine, v. 47, n. 5, p. 971-980, 2017.
- GIVERTZ, M. M. et al. **Marijuana Use in Patients With Cardiovascular Disease**. Journal of the American college of cardiology, v. 75, n. 3, 2020.
- JOUANJUS, E. et al. **Cannabis use: signal of increasing risk of serious cardiovascular disorders**. Journal of the American Heart Association, v. 3, n. 2, p. e000638, 2014.

- PEIXOTO, L. S. F. et al. **Ansiedade: o uso da Cannabis sativa como terapêutica alternativa frente aos benzodiazepínicos**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 7, p. 50502-50509, 2020.
- RONG, C. et al. **Cannabidiol in medical marijuana: research vistas and potential opportunities**. Pharmacological research, v. 121, p. 213-218, 2017.
- SILVA, J. P. **Avaliação toxicológica da exposição à Cannabis e cocaína na gravidez em cordão umbilical humano: validação de método analítico e prospecção de biomarcadores proteicos de toxicidade**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SKELLEY, J. W.. et al. **Uso de canabidiol na ansiedade e transtornos relacionados à ansiedade**. Journal of the American Pharmacists Association , v. 60, n. 1, pág. 253-261, 2020.
- SOUZA Y. P. **Sínteses e Aplicações Recentes do Δ^9 -Tetraidrocanabinol (THC) e seus Derivados sem Química Medicinal**. Monografia. Universidade Federal de São João del-Rei, 2017.
- VASCONCELOS, J. R. O et.al **Risco de suicídio e comorbidades psiquiátricas no transtorno de ansiedade generalizada**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 64, n. 4, p. 259-265, 2015.

Capítulo 6
O ENFERMEIRO E OS IMPACTOS A SUA
SAÚDE MENTAL NO COMBATE À PANDEMIA
COVID-19

Rafael Ventura dos Santos
Amanda de Cássia Costa de Oliveira



O ENFERMEIRO E OS IMPACTOS A SUA SAÚDE MENTAL NO COMBATE À PANDEMIA COVID-19

Rafael Ventura dos Santos

Discente do curso de Enfermagem da Faculdade Estácio de Carapicuíba.

Amanda de Cássia Costa de Oliveira

Dermatoterapeuta, Esteta, Mestranda em Gerontologia, Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Carapicuíba, E-mail: enfdermatoterapeuta@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3552-968X>

RESUMO

A doença por coronavírus (COVID-19) se espalhou rapidamente na China e em outras áreas no exterior, o que despertou uma preocupação generalizada. O aumento acentuado no número de pacientes levou a uma grande pressão psicológica sobre os profissionais de saúde. Objetivo: O presente estudo objetivou levantar as principais dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro e analisar as consequências da pandemia em sua saúde mental. Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de caráter exploratório e descritivo com análise qualitativa de artigos publicados nas bases de dados SciELO; LILACS, BDENF, MEDLINE e PubMed entre os anos de 2019 a 2022, obteve um total de dezenove artigos, que foram lidos e analisados criteriosamente. Foram incluídos artigos originais na língua portuguesa e inglesa, disponíveis *online* na íntegra e excluídos as duplicidades e revisões. Resultados: Os resultados evidenciam que as dificuldades encontradas pelo enfermeiro se fazem pela falta de recursos humanos e materiais, a insegurança e o medo frente a doença assim como o despreparo na paramentação e desparamentação dos EPI's. Sintomas como a fadiga, medo colaboram para os transtornos depressivos e de ansiedade, assim como a ideação suicida. Conclusão: Medidas de intervenções direcionadas devem ser tomadas de acordo com as necessidades psicológicas visando dar suporte e melhorar a saúde mental do enfermeiro.

Palavras-chave: Coronavírus, Infecções por coronavírus, Enfermeiros, Profissionais de enfermagem, Saúde mental.

ABSTRACT

Coronavirus disease (COVID-19) spread rapidly in the China and other areas abroad, which has sparked concern Widespread. The sharp increase in the number of patients has led to a large psychological pressure on health professionals. Objective: The present study objectiveof raising the main difficulties faced by nurses and analyzing the consequences of the pandemic on your mental health. Method: This is a integrative

review of the exploratory and descriptive literature with analysis qualitative analysis of articles published in scielo databases; LILACS, BDENF, MEDLINE and PubMed between 2019 and 2022, obtained a total of 19 articles, that were read and analyzed judiciously. Original articles were included in the Portuguese and English language, available online in full and excluding duplicities and revisions. Results: The results show that difficulties encountered by nurses are made by the lack of human resources and insecurity and fear in the face of disease as well as unpreparedness in the paramentation and deparamentation of PPE. Symptoms such as fatigue, fear contribute to depressive and anxiety disorders, as well as the ideation of suicidal. Conclusion: Targeted intervention measures should be taken in a according to psychological needs in order to support and improve health nurse's mental health.

Keywords: Coronavirus, Coronavirus infections, Nurses, Nursing professionals, Mental health.

1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do novo coronavírus SARS-CoV-2, que é o causador da Covid-19, considerado um distúrbio causador da síndrome respiratória aguda grave, levando a sobrecarga dos sistemas de saúde, bem como dos profissionais que ali estão empenhados na solução e acompanhamento do problema (QUEIROZ et al., 2020), o mundo vivencia uma transformação em todos os níveis de saúde.

Declarado em 30 de janeiro de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPIN). Este vírus já afetou mais de quatorze milhões de indivíduos no mundo e ocasionou mais de 500 mil mortes até o primeiro semestre de 2020. A disseminação rápida ao redor do mundo se deu pela transmissão por gotículas de saliva e secreções respiratórias contaminadas, bem como aerossóis (QUEIROZ et al., 2020).

Países que abandonaram o isolamento e flexibilizaram os protocolos de segurança, voltaram a registrar índices altos em setembro a novembro de 2020. Denominada como “segunda onda”, esses números elevados se devem a crise econômica acometida ao redor do mundo e ao cansaço da população, dificultando os governos a adotarem novas medidas de restrição (DALCOLMO, 2021).

A ciência quebrou seu próprio recorde e desenvolveu vacinas em menos de um ano, isso tudo devido a altos investimentos, tecnologias avançadas, estudos e cooperação mundial. No entanto a situação continua preocupante, muitos países lidam com índices de contágios elevados, o Brasil volta a registrar mais de mil mortes

diárias e como consequência a falta de leitos disponíveis nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) nos hospitais (DALCOLMO, 2021).

Além de todo o contexto biológico há também mudanças amplas e duradouras na vida diária de todos que, para serem enfrentadas, representam um grande desafio à saúde psicológica não somente da população afetada pelo vírus, mas principalmente dos profissionais de saúde que diariamente estão na linha de frente ao combate à Covid-19 e lidam diariamente com uma série de desafios que impactam o bem-estar físico e psicológico destes e, eventualmente, se tornam mais difundidos do que a própria pandemia (FARO et al., 2020; ORNEL et al., 2020).

Os profissionais de saúde constituem um grupo de risco para a Covid-19 por ficarem expostos diretamente aos pacientes infectados, recebendo uma alta carga viral. Diante desse fator, ficam submetidos a um enorme estresse no atendimento a esses pacientes, muitos em situação grave, e frequentemente em precárias condições de trabalho (TEIXEIRA et al., 2020).

Os enfermeiros, como uma grande população de profissionais de saúde atuantes na pandemia COVID-19, continuam a servir no diagnóstico, tratamento e cuidados de pacientes por semanas com recursos limitados (NEWBY et al., 2020). Os, que se deparam com essa condição crítica e que estão em risco de infecção, estão expostos a um estresse significativo, e esse estresse intensamente vivenciado traz consigo problemas psicossociais (HUANG et al., 2020; LAI et al., 2020).

A preocupação com a saúde mental desses profissionais de saúde se torna intensiva durante uma grave crise de saúde. A pandemia da covid-19 é considerada como uma das maiores complicações de saúde pública mundial dos últimos anos. (Faro et al., 2020; Ornel et al., 2020).

A falta de um tratamento específico, vidas constantemente em risco e um cenário onde a transmissão se propaga rapidamente, os profissionais de enfermagem em linha de frente ficam susceptíveis a inúmeros estressores, tais fatores podem desencadear efeitos negativos na saúde mental desses profissionais (SANTOS et al., 2021);

2 METODOLOGIA

Este trabalho visará a revisão bibliográfica, que foi o método escolhido para este trabalho de pesquisa, a partir do estudo qualitativo e descritivo por meio da análise dos resultados evidenciados nos estudos de muitos autores especializados.

Foram coletados dados de estudos nas seguintes bases de dados: LILACS, MEDLINE, SciELO e PubMed no período de 2000 a 2011. Foram localizados 07 artigos sendo a maioria de autoria de enfermeiros. Os artigos foram classificados em três grandes temas: artigos sobre as causas da fissura mamária; artigos relacionados com a prevenção da fissura mamária e artigos de estudos que abordam o tratamento da fissura mamária. Os descritores são os seguintes: atuação enfermeiro, tratamento fissuras mamárias, ações eficazes.

Será realizada busca de artigos e revistas científicas, disponibilizados nas diversas bases de dados como Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) ScientificElectronic Library Online (Scielo), Medline, *UpToDate*, revista *SOBECC*, a partir dos seguintes descritores específicos: Anestesia Geral, Visão Geral dos Cuidados pós anestésico, Problemas na Sala de Recuperação pós anestésica, que serão cruzados com os descritores gerais: Cuidados de Enfermagem, Enfermagem.

3 RESULTADOS

Os resultados desta revisão podem ser observados no Quadro 1, em que os bancos de dados eleitos foram analisados, de acordo com as estratégias de buscas.

Quadro 1: Distribuição das produções identificadas referente as dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro, em sua atuação frente à pandemia (n = 9), 2022 e as consequências da pandemia na saúde mental do enfermeiro, (n = 10), 2022

AUTOR / ANO	TÍTULO	MÉTODO	CONCLUSÃO
BORGES, Elisabete Maria das Neves; et al. / 2021	Percepções e vivências de enfermeiros sobre o seu desempenho na pandemia da covid-19	Qualitativo	Verificou-se uma constante atualização nos processos saúde/ doença e desconhecimento inicial e despreparo acerca dos EPI's.
WOOD, Emily; KING, Rachel;	Experiências de enfermeiras de prática avançada do	Descritivo exploratório	Foi percebida a escassez de recursos humanos e EPI, resultando

SENEK, Michaela; et al. / 2021	Reino Unido da pandemia COVID-19: um estudo transversal de métodos mistos		em estresse para a equipe de enfermagem
WHITE, Elizabeth M; WETLE, Terrie Fox; REDDY, Ann; Baier, ROSA R. / 2021	Enfermagem de linha de frente e equipe home de experiências durantes o covid-19 Pandemia	Relato de experiência profissional	Escassez de EPI's; Falta assistência financeira foram fatores que trouxeram a insatisfação e agravo na saúde mental dos enfermeiros
SANTOS, José Luís Guedes dos; BALSANELLI, Alexandre Pazetto; FREITAS, Etiane de Oliveira; et al. / 2021	Ambiente de trabalho de enfermeiras hospitalares durante o covid-19 pandemia no Brasil	Transversal	As mudanças no fluxo de cuidado; Desconhecimento da doença; Lidar com as emoções no ambiente de trabalho resultaram em que a equipe de enfermagem ficasse estressada repercutindo em sua saúde mental
REIS, Luciene Maria dos; LAGO, Pamela Nery do; CARVALHO, Alda Helena dos Santos; et al. / 2020	Atuação da enfermagem no cenário da pandemia Covid-19	Transversal	Quadro reduzido de colaboradores e sobrecarga de trabalho. Insegurança em relação aos cuidados. Despreparo na paramentação e despamentação EPI's.
RODRIGUES, Nicole Hertzog; SILVA, Luana Gabriela Alves da. / 2020	Gestão da pandemia coronavírus em um hospital: relato de	Transversal	Adaptações na rotina de trabalho, em meio a mudanças drásticas.

Abordagens em Saúde: Física, Mental e Social

	experiência profissional		
OLIVEIRA, Heloisa Sousa; SILVA, Alan Rodrigues da; BARBOSA, Aglauvanir Soares; et al. / 2020	Desafios da enfermagem em uma unidade de transplantes ante a covid-19	Analítico qualitativo	Escassez de recursos humanos e EPI's; Falta de treinamento, testes diagnósticos e conhecimento. Preocupações referente ao cuidado pessoal e com o enfermo
GEREMIA, Daniela Savi; VENDRUSCOLO, Carine; CELUPPI, Ianka Cristina; et al. / 2020	200 Anos de Florence e os desafios da gestão das práticas de enfermagem na pandemia covid-19	Relato de experiência pessoal	Alta taxa de letalidade dos profissionais de enfermagem; Precárias condições de trabalho, insuficiência técnica, carga horária excessiva, déficit de recursos financeiros
KABIR, Zarina N; BOSTRÖM, Anne-Marie; KONRADSEN, Hanne. / 2020	Em Conversa com um trabalhador da linha de frente em um lar de cuidados na Suécia durante a Pandemia COVID-19	Transversal	A insegurança e medo de contágio, a assistência sob pressão e estresse, foi evidenciado como causadores do agravamento da saúde mental dos enfermeiros
SANTOS, Katarina Márcia Rodrigues dos; et al. / 2021	Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19	Transversal	Alta prevalência de sintomas graves de ansiedade e depressão em profissionais de alta e média complexidade; Síndrome de Burnout.
HUMEREZ; OLH; SILVA /	Saúde mental dos profissionais de	Bibliográfico	O Brasil possui uma intensa desigualdade social, isso faz

2020	enfermagem brasileiros no contexto da pandemia covid-19: ação do Conselho Federal de Enfermagem.		com que haja falta de recursos humanos e principalmente financeiro, resultando em precárias condições de trabalho, medo de ser infectado ou infectar alguém associado ao aumento dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse
TIETE, Julien; GUATTERI, Magda; LACHAUX, Audrey; et al. / 2021	Saúde mental e seus resultados em Profissionais de Saúde Frente a COVID-19 e Cuidados ao não COVID-19 Em Unidades	Transversal	Alta prevalência de Burnout, insônia, depressão e ansiedade
SAMPAIO, Francisco; SEQUEIRA, Carlos; TEIXEIRA, Laetitia. / 2021	Impacto do surto de COVID-19 na saúde mental das enfermeiras: Estudo prospectivo de coorte.	Estudo de Coorte	Conclui-se que os profissionais de frente aos cuidados da Covid-19 enfrentam a ansiedade leve a grave e estresse excessivo
ZAKERI, M. A. al. / 2021	A relação entre a linha de frente e psicossocial das enfermeiras status, satisfação com a vida e resiliência durante o prevalência de	Transversal	Predominância de distúrbios psicológicos como: prejuízo social e depressão

	Doença de COVID-19		
FRANCO COFFRÉ, J. A; LEVÍ AGUIRRE, P. Á. / 2020	Estratégias de sentimentos, estresse e adaptação de enfermeiros contra COVID-19	Quantitativo, descritivo, transversa	A pandemia COVID-19 representou um grande desafio profissional e emocional para as enfermeiras, os serviços de saúde e a sociedade poderiam considerar essas descobertas para evitar a exaustão do enfermeiro e sua deserção profissional
FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; et al. / 2020.	Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado.	Estudo qualitativo	Sentimentos negativos como fadiga, desconforto e desamparo, acompanhados de ansiedade e preocupação
ORNELL, Felipe, HALPERN, et al / 2020	O impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental dos profissionais de saúde.	Transversal	A equipe de enfermagem apresentaram níveis disfuncionais de ansiedade, aqueles que possuem suporte organizacional sofrem menos

4 HIPÓTESE DO PROJETO

Diversos estudos mostram que os profissionais de saúde das mais diversas categorias, estão sofrendo efeitos psicológicos vinculados diretamente com a pandemia, por conta da sobrecarga de trabalho, violência da sociedade, preocupações com sua família, pacientes ou consigo mesmo. Dentro desse contexto, os profissionais de enfermagem foram os mais afetados por conta de serem a maior parcela de profissionais da saúde que atuaram diretamente na linha de frente da pandemia (CARVALHO et al., 2021).

Diante de tal cenário se faz necessário um acompanhamento maior da saúde mental do profissional de enfermagem para mitigar ou minimizar ao máximo os impactos psicológicos nesses profissionais aos quais diariamente lidam com situações de estresse excessivo (MONTELO et al., 2021).

Uma pesquisa realizada pela Fiocruz Brasília com 800 profissionais da saúde, mostrou que 65% destes profissionais demonstraram sintomas de transtorno de estresse, 61,6% de ansiedade e 61,5% de depressão. Também foram encontrados sintomas de ansiedade severos em 33,8% dos participantes da pesquisa. Apenas um pequeno grupo de 6,3% dos participantes informou que não sentiram impactos em sua saúde mental (FIOCRUZ, 2022).

5 DISCUSSÃO

Borges et al. (2021), Reis et al. (2020) e Ornell et al (2020) concordam em suas pesquisas que os enfermeiros são profissionais necessários e que estes nos asseguram os cuidados na linha de frente a pandemia do SARS-CoV-2, e que inicialmente surge a insegurança pelo desconhecimento de um novo vírus juntamente com toda a sua rápida propagação e falta de recursos materiais e de proteção para o enfrentamento à doença. A insegurança de como realizar a assistência e o atendimento aos pacientes com positivo ou em suspeita com o vírus, gerou dúvidas e apreensões pelos enfermeiros, por não demonstrarem domínio e conhecimento frente a doença, principalmente em relação a paramentação e desparamentação dos equipamentos de proteção individual.

Wood et al (2021) e White et al (2021) concordam em suas pesquisas que a falta de pessoal e recursos para prevenção da infecção foram desafiadores para toda a equipe multidisciplinar, em especial para a enfermagem, que presta cuidados diretamente ao paciente. O impacto desses desafios teve implicações direta na rotina da equipe, metade dos enfermeiros consideravam deixar seu trabalho na instituição, pois, adicionaram uma carga significativa a uma força de trabalho já sobrecarregada e vulnerável e provavelmente contribuir para o aumento do esgotamento, da rotatividade e da falta de pessoal ao longo prazo.

Relacionado a falta de EPI's serem os causadores para fomentar a angústia aos profissionais de enfermagem, Santos et al (2021) e Humerez, Olh, Silva (2020) descrevem que a carga viral mais elevada de SARS-CoV-2 está presente na expectoração e nas secreções das vias aéreas superiores, se faz extremamente

necessário fornecer EPI's de qualidade e em quantidade suficiente para garantir a proteção dos profissionais. Apesar de receberem treinamento sobre o uso dos EPIs, a angústia dos profissionais está relacionada à indisponibilidade ou baixa qualidade desses materiais. O Brasil possui uma intensa desigualdade social, isso faz com que haja falta de recursos humanos e principalmente financeiro, resultando em precárias condições de trabalho. Esses fatores levaram a falta de recursos materiais para execução do trabalho, equipamentos de proteção individual e coletiva do profissional de saúde.

No que tange a falta de recursos humanos, do gerenciamento de materiais e orientação da equipe de enfermagem os autores Oliveira et al (2020) e Góes et al (2020) e Reis et al (2020) concordam que se faz necessário entender e adaptar a instituição com áreas destinadas aos pacientes com suspeitas ou positivos para covid-19. O planejamento dessas ações por parte da instituição e da equipe é de extrema importância, para que haja organização nos fluxos de atendimento e em todo o processo de trabalho. Apesar de todas as preocupações acerca do fluxo de atendimento, os profissionais, ressaltam dificuldades relacionadas a equipe, seja por falta de recursos humanos, gerenciamento dos materiais e a necessidade de orientar e treinar junto aos demais profissionais sobre a doença.

Quanto a preocupação dos enfermeiros em infectar seus familiares Franco Coffré e Aguirre (2020) e Humerez, Olh, Silva (2020) denotam que os fatores que mais dificultaram e geraram estresse aos enfermeiros segundo, foram a possibilidade de se infectar com o coronavírus e contaminar seus familiares e amigos, da mesma forma os profissionais de saúde da linha de frente, ficam ansiosos quando não se sentem protegidos. Segundo dados levantados a ansiedade pode ser controlada garantindo níveis suficientes de equipamentos de proteção individual junto com mais educação e informação.

Os autores Para Santos et al. (2021), Nascimento (2021), Sampaio et al (2020) e Zakeri (2021) concordam que a depressão está associada a fatores como: sexo feminino, falta de condições adequadas no trabalho, funções alteradas frente a pandemia e possuir sintomas pré-existentes para sofrimentos psíquicos. Onde é importante ressaltar que embora a ansiedade e a depressão, possam ter um papel adaptativo, nem sempre são sintomas adaptativos. E que alguns enfermeiros são capazes de desenvolver um papel adaptativo ao

enfrentar maiores sintomas de depressão, ansiedade e estresse no início do surto da covid-19, no entanto, outros podem desencadear transtornos psiquiátricos.

O aumento da carga de horária de trabalho, também foi relatado por Tiete et al. (2021) e Oliveira et al (2020) e Faro et al (2020) concordam que, como um fator de risco para estresse grave e para Burnout, todo esse contexto de isolamento e distanciamento social implicou ainda mais a capacidade dos profissionais de se adaptarem psicologicamente a um manejo desafiador de uma doença infecciosa aguda. A saúde mental não está apenas relacionada à saúde individual, mas também afeta diretamente a função social e a capacidade profissional. Os profissionais de saúde, como pessoal da linha de frente no combate contra a pandemia, enfrentam pressões físicas e mentais. Uma assistência psicológica é necessária para todos os profissionais de saúde e deve ser implantada, a fim de evitar a prevalência de piores resultados na saúde mental desses trabalhadores.

Faro et al., (2020) descreve que durante as pandemias, como o mundo enfrenta uma paralisação ou desaceleração nas atividades diárias e os indivíduos são estimulados a implementar o distanciamento social de forma a diminuir as interações entre as pessoas e, conseqüentemente, diminuir a possibilidade de novas infecções, os profissionais de saúde costumam ir na direção oposta. Devido ao aumento exponencial da demanda por saúde, enfrentam longos turnos de trabalho, muitas vezes com poucos recursos e infraestrutura precária, e com necessidade de uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) que podem causar desconforto físico e dificuldade para respirar.

Em concordância com o autor supracitado Sampaio et al (2021) ainda relata que além disso, muitos profissionais podem se sentir despreparados para realizar a intervenção clínica em pacientes infectados por um novo vírus, sobre o qual pouco se sabe e para os quais não existem protocolos clínicos ou tratamentos muito bem estabelecidos. Existe o medo da autoinoculação, assim como a preocupação com a possibilidade de disseminação do vírus para seus familiares, amigos ou colegas. Isso pode levá-los a se isolar de sua família nuclear ou extensa, mudar sua rotina e estreitar sua rede de apoio social.

Rodrigues e Silva (2020) e Santos et al (2021) acreditam que os fatores podem resultar em diferentes níveis de pressão psicológica, que podem desencadear sentimentos de solidão e desamparo, ou uma série de estados emocionais disfóricos. A sobrecarga de trabalho e os sintomas relacionados ao estresse tornam os

profissionais de saúde especialmente vulneráveis ao sofrimento psíquico, o que aumenta a chance de desenvolver transtornos psiquiátricos. Se, por um lado, as equipes de saúde, estão acostumadas a sentir cansaço físico e cansaço mental, por outro lado, devido ao medo, à insegurança e à incerteza de uma pandemia, esses fatores bem conhecidos podem agora impactar as relações humanas.

5.1 FALTA DE EPIs

Segundo pesquisa realizada pela ISP-Brasil e divulgada pelo Ministério da Saúde (2020), cerca de 64% dos profissionais afirmaram que não havia equipamentos de proteção individual suficientes em suas unidades e 11% informaram que não haver qualquer tipo de proteção individual. Além disso, a mesma pesquisa indicou que mesmo em locais que possuem tais equipamentos, 78% dos profissionais relataram não ter recebido nenhuma capacitação de como utilizar EPIs, outros 35% dos entrevistados informaram estar trabalhando em jornadas de trabalho acima de 12 horas. A pesquisa também diz que 53% dos entrevistados informaram estar sofrendo um impacto emocional perante essas situações.

5.2 JORNADA DE TRABALHO EXCESSIVA

Segundo a Escola Nacional de Saúde Pública (2021) uma pesquisa feita pelo Fiocruz em âmbito nacional indicou que 95% dos profissionais de saúde informaram que a pandemia alterou de modo significativo o seu modo de vida, destes, 50% informaram que suas jornadas de trabalharam excederam muito a jornada de 40 horas semanais, outros 45% informaram que precisam de mais de um emprego para sobreviver devido a baixa remuneração. O fator proteção no enfrentamento da Covid-19 impacta 43,2% dos profissionais de saúde, destes 23% relataram também a falta de EPIs, sendo necessário muitas vezes improvisar equipamentos de proteção ou a reutilização dos mesmos. Outros 18% dos profissionais informaram que possuem muito de se infectar durante o trabalho, 15% informaram precarização das estruturas para realização da atividade. Essa carga de trabalho excessiva alinhada com a falta de materiais e recursos humanos também trouxeram impactos psicológicos nesses profissionais. Os principais impactos foram: Perturbação do Sono (15,8%), irritabilidade/choro frequente/distúrbios em geral (13,6%), incapacidade de

relaxar/estresse (11,7%), pensamentos suicidas (8,3%) e alteração no apetite/alteração do peso (8,1%).

5.3 IMPACTO DA PANDEMIA AOS FAMILIARES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Muitos enfermeiros relataram o medo de transmissão da Covid-19 para os membros de sua família, tendo em vista que o profissional de enfermagem está muito mais exposto ao contágio enquanto está em seu ambiente de trabalho, o que o tornaria um transmissor direto da doença e com isso podendo tornar seu familiar mais uma vítima da doença que ele estava ajudando a combater (ACIOLII et al., 2022).

Os profissionais também não conseguem vivenciar o seu luto, quando há a perda de um ente querido, pois ao mesmo tempo precisam continuar exercendo sua profissão (ACIOLII et al., 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a uma pandemia decorrida da irradiação por um vírus conhecido mundialmente como Covid-19, a maioria dos países atravessam por uma crise econômica que afeta diretamente as organizações do sistema de saúde e os enfermeiros. O sistema de saúde é fortemente afetado com a grande demanda de pessoas a procura de assistência médica, onde o medo repercuti e as mortes asseveram os países do mundo inteiro. Os produtos, serviços na área da saúde, enfermeiros que precisam estar qualificados para o atendimento passam por processos de mudança e adaptação para que possam ofertar uma assistência com qualidade mesmo com pouca quantidade de insumos até mesmo para a equipe de enfermagem.

A importância da valorização dos recursos humanos para o acesso e a cobertura universal de saúde e a necessidade dos investimentos e valorização dos profissionais de Enfermagem, para que dessa forma deve haver a preconização da melhoria da qualidade dos cuidados de saúde, mesmo diante de um cenário de déficit de profissionais, a precariedade das condições de trabalho, falta de EPI's, e a sobrecarga de trabalho dos profissionais da área da saúde advinda pela pandemia.

Conclui-se que o profissional de enfermagem cuida das pessoas infectadas, e corre sérios riscos por sua exposição direta à doença de ser contaminado e de levar o vírus para a sua família e amigos, outro fator de risco que os profissionais correm

no decorrer do dia em seus trabalhos. Diante dos desafios da pandemia o dia a dia dos profissionais de enfermagem possuem condições laborais impactantes para a saúde dos trabalhadores, onde suas capacidades laborarias ficam comprometidas quando estão na função de seu trabalho.

E que a intervenção psicológica é necessária e as instituições devem tomar medidas adequadas, a fim de reconhecer e minimizar precocemente os riscos e planejar intervenções que visem reduzir os danos à saúde psicológica dos enfermeiros envolvidos na assistência aos pacientes infectados pela covid-19.

REFERÊNCIAS

ACIOLII, Deborah Moura Novaes *et al.* Impactos da pandemia de COVID-19 para a saúde de enfermeiros. Revista de Enfermagem - UERJ, [s. l.], 9 fev. 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2022.63904>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/download/63904/41813>. Acesso em: 12 abr. 2022.

AN, Ying; et al. Prevalência de depressão e seu impacto na qualidade de vida entre enfermeiros de linha de frente em serviços de emergência durante o surto de COVID-19. J Affect Disord; 276: 312-315, 2020 11 01. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32871661>. Acesso em: 06 de março de 2022.

BORGES, Elisabete Maria das Neves; et al. Percepções e vivências de enfermeiros sobre o seu desempenho na pandemia da COVID-19. Rev Rene (Online) ; 22, 2021. graf. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1149528>. Acesso em: 25 de março de 2022.

CAG, Yasemin; ERDEM, Hakan; GORMEZ, Aynur; et al. Ansiedade entre os profissionais de saúde de linha de frente que apoiam pacientes com COVID-19: Pesquisa global. Gen Hosp Psychiatry; 68: 90-96, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33418193>. Acesso em: 25 de março de 2022.

DALCOLMO, Margareth. Covid-19: 'Teremos o março mais triste de nossas vidas'. BBC News. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56250674>. Acesso em: 02 de março de 2022

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA (Brasil). Pandemia expõe excesso de trabalho, sofrimento e falta de reconhecimento dos profissionais de saúde, revela estudo da Fiocruz. Escola nacional de Saúde Pública, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51044>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FANG, Xue-Hui; WU, Li; LU, Lun-Shan; et al. Problemas de saúde mental e apoio social nos profissionais de saúde COVID-19: um estudo explicativo chinês. BMC Psychiatry. 2021 Jan 12;21(1):34. doi: 10.1186/s12888-020-02998-y.

FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; et al. 2020. Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. Estudos de Psicologia. Campinas, 37, e200074. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

FIOCRUZ (Brasília). Pesquisa mostra impacto da pandemia na saúde mental de profissionais da saúde. [S. l.]: Fernanda Marques, 2022. Disponível em:
<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/pesquisa-mostra-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-de-profissionais-da-saude/>. Acesso em: 4 maio 2022.

GÓES, Fernanda Garcia Bezerra; SILVA, Aline Cerqueira Santos Santana da; SANTOS, Andressa Silva Torres dos; et al. Desafios de profissionais de Enfermagem Pediátrica frente à pandemia da COVID-19. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2020 ; 28: e3367. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692020000100406&lng=en.

HUANG, Lishan; LIN, Guanwen; TANG, Li; et al. Atenção especial à proteção das enfermeiras durante a epidemia DE COVID-19. Crit Care. 2020 Mar 27;24(1): 120.doi: 10.1186/s13054-020-2841-7.

LAI, Jianbo; MA, Simeng; WANG, Ying; et al. 2020. Fatores associados aos desfechos de saúde mental entre profissionais de saúde expostos à doença coronavírus 2019. JAMA Network Open, 3(3), Article e203976.
<https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.3976>

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Conselho Nacional de Saúde. Covid-19: falta de EPIs para trabalhadores e trabalhadoras essenciais preocupa CNS. Conselho Nacional de Saúde, 29 maio 2020. Disponível em:
<https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1205-covid-19-falta-de-epis-para-trabalhadores-e-trabalhadoras-essenciais-preocupa-cns>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MONTELO, Bianca Miranda et al. Impacto da COVID-19 na saúde mental do enfermeiro atuante na pandemia: Uma revisão bibliográfica. Research, Society and Development, 2021. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/22066/19974/271341>. Acesso em: 7 abr. 2022.

NASCIMENTO, Vagner Ferreira do; HATTORI, Thalise Yuri; TERÇAS-TRETTE, Ana Cláudia Pereira. Dificultades y temores de las enfermeras que enfrentan la pandemia de COVID-19 en Brasil. Humanidad. med ; 20(2)2020. Disponível em:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1116227>

NEWBY, Jamison; MABRY, Mabry; CARLISLE, et al. 2020. Reflexões sobre a ingenuidade da enfermagem durante a pandemia COVID-19. The Journal of

Neuroscience Nursing. Advance online publication. Disponível em:
<https://doi.org/10.1097/JNN.0000000000000525>

OLIVEIRA, Heloisa Sousa; SILVA, Alan Rodrigues da; BARBOSA, Aglauvanir Soares; et al. Desafios da enfermagem em uma unidade de transplantes ante a Covid-19. Rev. SOBECC ; 25(4): 219-226, 21-12-2020. Acesso em: 25 de março de 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1141399>

QUEIROZ, Amanda Gabrielle Silva; et al. Diagnósticos de enfermagem segundo a taxonomia da NANDA internacional para sistematização da assistência de enfermagem a Covid-19. 2020. J. Health Biol Sci. 2020;8(1):1-6. Acesso em: 08 de abril de 2022. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3352>.

REIS, Luciene Maria dos; LAGO, Pamela Nery do; CARVALHO, Alda Helena dos Santos; et al. Atuação da enfermagem no cenário da pandemia COVID-19. Nursing São Paulo ; 23(269): 4765-4768, out.2020. Acesso em: 25 de março de 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/hansen/resource/pt/biblio-1145416?src=similardocs>

RODRIGUES, Nicole Hertzog; SILVA, Luana Gabriela Alves da. Gestão da pandemia coronavírus em um hospital: relato de experiência profissional . J. nurs. health ; 10(4): 20104004, abr.2020. Acesso em: 28 de março de 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1095608?lang=pt>

SAMPAIO, Francisco; SEQUEIRA, Carlos; TEIXEIRA, Laetitia. Impacto do surto de COVID-19 na saúde mental das enfermeiras: Estudo prospectivo de coorte. Environ Res. 2021 Mar;194:110620. doi: 10.1016/j.envres.2020.110620. Epub 2020 Dec 11.

SANTOS, José Luís Guedes dos; BALSANELLI, Alexandre Pazetto; FREITAS, Etiane de Oliveira; et al. Ambiente de trabalho de enfermeiros hospitalares durante a pandemia COVID-19 no Brasil. Int Nurs Rev. 2021 Feb 5;10.1111/inr.12662. doi: 10.1111/inr.12662.

SANTOS, Katarina Márcia Rodrigues dos; et al. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. Esc. Anna Nery 2021; 25, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000500201&lng=en.

SUN, Niuniu; WEI, Luoqun; SHI, Suling; et al. Estudo qualitativo sobre a experiência psicológica dos cuidadores de pacientes COVID-19. Am J Infect Control. 2020 Jun;48(6):592-598. doi: 10.1016/j.ajic.2020.03.018.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza; SOARES, Catharina Matos; SOUZA, Ednir Assis; et al . A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Ciênc. Saúde coletiva. 2020 Sep ; 25(9): 3465-3474. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232020000903465&lng=en.

TIETE, Julien; GUATTERI, Magda; LACHAUX, Audrey; et al. Resultados em Saúde Mental em Profissionais de Saúde em Unidades de Saúde COVID-19 e Não-COVID-19: Pesquisa Transversal na Bélgica. *Front Psychol*. 2021 Jan 5;11:612241. doi: 10.3389/fpsyg.2020.612241.

WHITE, Elizabeth M; WETLE, Terrie Fox; REDDY, Ann; Baier, ROSA R. Experiências da equipe de enfermagem de linha de frente durante a Pandemia COVID-19. *J Am Med Dir Assoc* ; 2(1): 199-203, 2021 01. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33321076>

WOOD, Emily; KING, Rachel; SENEK, Michaela; et al. Experiências de enfermeiras de prática avançada do Reino Unido da pandemia COVID-19: um estudo transversal de métodos mistos. *BMJ Open* ; 11(3): e044139, 2021 03 16. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33727270>

Capítulo 7
**A ASSISTÊNCIA DO PROFISSIONAL
ENFERMEIRO AOS RECÉM-NASCIDOS
ACOMETIDOS PELA SÍNDROME DE
ABSTINÊNCIA NEONATAL**
Ester Torres De Carvalho
Agda Montenegro de Siqueira



A ASSISTÊNCIA DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO AOS RECÉM-NASCIDOS ACOMETIDOS PELA SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA NEONATAL

Ester Torres De Carvalho

Discente do Curso de Enfermagem da Faculdade Anhanguera; E-mail: estertorresdecarvalho@outlook.com

Agda Montenegro de Siqueira

Orientadora, Enfermeira; E-mail: agda.montenegro@gmail.com

RESUMO

Este estudo bibliográfico com abordagem qualitativa objetiva evidenciar as medidas assistenciais realizadas pelo profissional enfermeiro a mãe-filho sob uso de drogas para a atenuação do âmbito sintomático na síndrome de abstinência neonatal. Baseando-se em manuais e trabalhos acadêmicos os quais trazem como resultados a indispensabilidade de dissertar sobre a SAN, que é um dos agravos que o uso de substâncias psicoativas traz à população e principalmente as mulheres grávidas e consequentemente aos recém-nascidos; Em discussão, observa-se o desprovimento da literatura que abrange o respectivo tema e o aumento no número de gestantes usuárias de drogas na atualidade, reportando-se a intensificação de fetos submetidos in-útero a essas substâncias; assinalando a inevitabilidade do enfermeiro observar meticulosamente, para a implantação de intervenções com o objetivo de ofertar assistência integral e quilante para esses RNs.

Palavras-chave: Enfermeiro - Recém-nascidos - Síndrome de Abstinência Neonatal.

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas é reputado como um agravante em saúde pública e com intenso destaque. O alarmante, é que a cada três usufrutuários de drogas, universalmente, uma é do sexo feminino, e entre estas, situa-se o agrupamento das mulheres gestantes as quais efetuam uso de tais elementos. A utilização desses elementos e/ou substâncias causa no período de gestação um impasse ainda mais inquietante, visto que, as drogas ilícitas acarretam a toxicodependência não somente para a mulher como também para criança (SOUSA et al., 2019).

O levantamento de dados no Relatório Mundial de Drogas, em Maio de 2021, indicam que é constante o cenário do consumo de drogas mundialmente, no entanto, exibem resultados estarrecedores, constando que um absoluto de 275 milhões de pessoas no mundo, ou seja, cerca de 4% da população mundial, entre as idades de 15 e 64 anos consumiram qualquer classe de drogas ilícitas (UNODC, 2021).

O RN sujeitado a drogas ainda no útero, possui potencialidade de após o nascimento, sofrer de Síndrome de Abstinência neonatal (SAN), desenvolvendo uma diversidade de reações neurológicas e físicas, ocasionando não apenas resultados clínicos como também para sua evolução física e psíquica (SOUSA et al., 2019).

A temática foi escolhida por intermédio dos efeitos pertinentes ao uso de drogas durante o período neonatal, retratada pela puérpera, e RN em abstinência, e especialmente da inquietação para com a capacitação e/ou informações dos enfermeiros referente a questão. Além do mais, por tratar-se de um obstáculo de saúde pública, que gera crescidos índices de deformidade congênita e de mortalidade perinatal no Brasil, e tendo em consideração os seguimentos e decorrências do consumo abusivo de drogas, não apenas para o indivíduo e sua família, mas para o RN, compete percrutar o conhecimento e habilidade do enfermeiro nessa contextura.

Mediante o exposto, foi levantada tal problemática: Quais as medidas assistenciais executadas, pelo enfermeiro, a mãe-filho sob uso de drogas, para a atenuação do âmbito sintomático dos RN em situações de abstinência?

O enfermeiro é um profissional atribuído não somente ao ato de cuidar, mas também pela instrução, cabe ao mesmo procurar conhecer e entender a SAN, possibilitando uma ligação entre sua ciência e a propriedade empreendida na sua assistência para um decrescimento da espera sintomática dos RN e, como devirado alcaçar um aperfeiçoamento na qualidade de vida deste e da puérpera em quesito.

O objetivo desse diligente estudo é evidenciar as medidas assistências realizadas pelo profissional enfermeiro a mãe-filho sob uso de drogas para a atenuação do âmbito sintomático em situações de abstinência neonatal.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico descritivo com abordagem qualitativa. O levantamento de literatura foi efetuado por meio da base de dados Scientific Eletronic Libraly Online (Scielo), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), relatatórios de dados e

trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Definiram como palavras-chaves: Enfermeiro - Recém-nascidos - Síndrome da Abstinência Neonatal.

Respeitaram-se os direitos autorais das literaturas, utilizados neste estudo. Como critérios de inclusão foram, artigos publicados entre nos anos de 2012 a 2022, contendo pelo menos um dos descritores a serem publicados em Língua Portuguesa. E como critérios de exclusão foram literaturas que não possuíam ênfase na área, relação com o tema e disposição na íntegra.

Após buscar por títulos e resumos que correspondessem aos critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa (Síndrome de abstinência neonatal, assistência de enfermagem e seus sinônimos), foram selecionados 5 referências.

No quadro 1: Apresenta-se 3 artigos 1 dissertação e 1 índice de relatório mundial que foram encontrados aleatoriamente no Google Acadêmico

TÍTULO	AUTOR	ANO	LINK
As vivências dos enfermeiros no cuidado ao recém-nascido com síndrome de abstinência neonatal e sua família	Sílvia Maria Garcia Pereira	2012	https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9339/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20SAN%20definitiva.pdf
Assistência de Enfermagem frente à Síndrome de Abstinência Neonatal.	Desiree Caroline de Almeida Silva ¹ ; Isabela Leal da Costa Pereira	2014	https://www.unaerp.br/documentos/4050-assistencia-de-enfermagem-frente-a-s-ndrome-de-abstin-ncia-neonatal/file
Síndrome da Abstinência Neonatal: intervenções/atividades de enfermagem junto ao recém-nascido e a puérpera.	Maria Doraci Sousa, Fernanda Jorge Magalhães, Karla Maria Carneiro Rolim, Suzane Passos de Vasconcelos,	2019	https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2347/2256

	FirminaHermelinda Saldanha Albuquerque e Mayara Mesquita Mororó Pinto		
Cuidados de Enfermagem ao Recem-Nascido em Situação de Abstinência	Resine Bastos Farias Dias; Larissa Tenório Andrade Correia; Heloisa Antunes de Araujo.	2019	https://portal.secad.artmed.com.br/artigo/cuidados-de-enfermagem-ao-recem-nascido-em-situacao-de-abstinencia
Relatório Mundial sobre Drogas 2021 avalia que pandemia potencializou riscos de dependência	UNODC	2021	https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2021-do-unodc_-os-efeitos-da-pandemia-aumentam-os-riscos-das-drogas--enquanto-os-jovens-subestimam-os-perigos-da-maconha-aponta-relatorio.html

Fonte: Autora

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A SAN é um agrupamento de sinais e sintomas de abstinência de drogas no RN, em razão de suas respectivas genitoras consumirem substâncias psicoativas durante o período do pré-natal. Na hora do parto, ao clampar o cordão umbilical, sucede-se o encerramento repentino do escoamento da droga que possuía comunicação transplacentária, dando origem ao que denominamos abstinência neonatal, que decorre no máximo até 12 horas em seguida do parto (PEREIRA, 2012).

No momento em que há o decaimento dos níveis da droga circulante, o recém-nascido principia sinais e sintomas da SAN, sendo capaz de sobrevir seguidamente ao nascimento ou em até 4 semanas depois do parto e encontra-se correlacionado a outros motivos desfavoráveis. Os sinais e sintomas subagudos da SAN podem aparecer em até 6 meses após o momento do parto, com transtornos de neurodesenvolvimento evidentes até, pelo menos, 12 meses de idade. Em vista disso,

pesquisas expõem que o intervalo de hospitalização de um neonato exposto a drogas no decorrer do pré-natal é mais extenso do que se aguarda de um neonato não exposto, tendo potencial de chegar a um período de 5 dias, com a finalidade de prescrutar o prazo de investigação das evidências dos primeiros sinais e sintomas de abstinência (SOUZA et al., 2019).

Além do mais, os RNs patententes a substâncias psicoativas in útero apontam maior risco de hospitalização em unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN) quando congêneres aos não expostos. Estes RNs demandam de assistência especializada, e sua hospitalização duradoura acaba em maior gasto para as unidades de saúde (SOUZA et al., 2019).

DIAS et al., 2019 relata que indícios de abstinência neonatal por drogas opióides são: tremores grosseiros, irritabilidade, hiperatividade, hipertonicidade, choro agudo persistente, agitação e sonolência. Os RNs que acabam expostos a bebidas alcoólicas podem externar: dispnéia, problemas metabólicos, irritabilidade, aumento do tônus muscular, tremores, letargia, reflexo de sucção deficiente, distensão abdominal, atividade convulsiva e anormalidades faciais. Em parte, PEREIRA et al., 2014 os recém-nascidos de mães usufratárias de cocaína geralmente não denotam sinais primordiais de abstinência, todavia demonstram: tremores leves, maior irritabilidade e resposta do susto, rigidez muscular, dificuldade em ser consolado, estado pronunciado de labilidade, taquipneia e taquicardia, baixa tolerância às alimentações orais, diarreia e distúrbio do padrão do sono.

PEREIRA, 2012 evidencia que devido o crescimento substancial, no decorrer do anos, ocorrências de SAN, foram alvitados numerosos métodos de escore para examinar o RN com SAN, dentre eles, a escala de Finnegan, o escore de Lipsitz, e outros. Contudo, não há uma concordância de qual ferramenta empregar, fazendo-se a escala de Finnegan a mais aplicada mundialmente nas últimas décadas.

A escala de Finnegan foi recomendada por Loretta Finnegan, em 1975. Compreende, o clínico e o investigativo, circunspecto por uma organização de escore para a SAN. Esse escore foi criado com o objetivo de uniformizar a análise do RN nos primeiros dias de vida e compreendia, de maneira extensa, os sinais clínicos consideráveis de abstinência (DIAS et al., 2019).

No quadro abaixo, situa-se um exemplar da Escala de Finnegan presente no Parecer COREN-SP 007/2019 do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo.

Quadro 2: Escala de Finnegan

SINAIS E SINTOMAS	ESCORE
CHORO	
EXCESSIVO	2
CONTÍNUO	3
DORMIR APÓS ALIMENTAÇÃO	
<1h	3
<2h	2
<3h	1
REFLEXO DE MORO	
HIPERATIVIDADE	2
HIPERATIVIDADE MARCANTE	3
TREMORES	
GRAVE	4
MODERADO GRAVE	3
LEVE	2
SEM TREMOR	1
AUMENTO DO TÔNUS	2
BOCEJOS FREQUENTES	1
ESCORIAÇÃO	1
CONVULSÕES	5
SUOR	1
FEBRE	
37,8 - 38,3°C	1
>38,3°C	2
CÚTIS MARMORATA	1
ESPIRROS FREQUENTES	1
PRURIDO NASAL	1
BATIMENTO DE ASAS DE NARIZ	2
FREQUÊNCIA RESPIRATÓRIA	
>60bpm	1
>60bpm + retração intercostal	2
SUCÇÃO EXCESSIVA	1
POUCA ALIMENTAÇÃO	2
REGURGITAÇÃO	2
VÔMITOS EM JATO	3
FEZES	
Semipastosas	2
Líquidas	3

Fonte: PARECER COREN-SP 007/2019

DIAS et al., 2019 salienta que diversas adaptações na escala Finnegan foram recomendadas no decurso do tempo, fundamentadas nas evoluções das pesquisas referente ao enredo. O protótipo amoldado da escala de Finnegan pode ser empregado pelo enfermeiro com o intento de contribuir para a concepção de mediações ao neonato o mais lacônico possível.

A avaliação do RN é obrigatória no primeiro dia de vida, sendo reempregada a

cada 4 horas e sustentada até 48 horas ao findar da terapia farmacológica. Para tal fim, indica-se o manejo da escala de Finnegan. Caso o RN não careça de terapia medicamentosa, o mesmo será avaliado nas primeiras 96 horas após o nascimento (PEREIRA et al., 2014).

PEREIRA, 2012 disserta que o diagnóstico da síndrome de abstinência neonatal é feito baseado nas manifestações clínicas, apesar disso, deve ser realizado um levantamento do histórico materno do consumo de drogas além de, aplicar o índice de finnegan, escala que compasa o grau de abstinência nos recém-nascidos

A assistência à gestante toxicodependente, sua família e, seguidamente, ao RN, deve integrar uma rede de assistência que abrange uma aproximação integralizada e interprofissional. O protagonismo do enfermeiro transcorre por diversas atuações, a partir do levantamento de dados materno e neonatal mais propício a ser exposto às substâncias psicoativas e suas complicações, às interferências cautelosa com cooperação fundamenta na rápida integração dos tratamentos não farmacológico e farmacológico ao recém-nascido (SOUZA et al., 2019).

No decurso do pré-natal, DIAS et al, 2019 discorre que a averiguação referente ao consumo de substâncias psicoativas é improdutivo e, na generalidade, não é realizado. Por consequência, a gestante chega ao hospital sem estar instruída sobre a relevância de fornecer a devida informação no período do ingresso. No que lhe diz respeito, a maternidade que recebe essa gestante também não possui o ato da busca das devidas gestantes usufratárias de substâncias psicoativas, muito menos de avaliar nas primeiras horas após o nascimento do RN para um provável diagnóstico da SAN.

Ao adentrar na maternidade, existe mais uma oportunidade de agir no binômio mãe-filho. Para tal finalidade, é indispensável também um levantamento efetivo. Posto que ao constatar a gestante usufratária de drogas, a equipe pode coadjuvar no ensinamento a respeito da conversão de hábitos que desencadeiam riscos e consequências para a mãe e o bebê, enfatizando todas as decorrências do uso de substâncias psicoativas para o binômio e sobre o tratamento, encaminhando essa mãe a uma unidade especializada (PEREIRA, 2012).

SOUZA et al., 2019 explana que o enfermeiro precisa identificar qual substância era consumida pela mãe, quantidade, a última dose além de estar atento ao início dos sinais e sintomas da SAN.

A assistência do enfermeiro está em ofertar suporte ao recém-nascido e aliviar os seus sintomas. (NETTINA, 2012). Abaixo situa-se uma tabela retirada do artigo Assistência de Enfermagem frente a Síndrome de Abstinência Neonatal. XVII SICI. Out - 2021 ISSN 1980-480X como demonstração das autoras SILVA, D. C.A., PEREIRA, I.L.C.:

Quadro 3: Apresentação dos sintomas apresentados pelos RNs com SAN e os respectivos cuidados de enfermagem

SINTOMAS	CUIDADOS DE ENFERMAGEM
Irritabilidade, irritação e choro agudo	• Afrouxar a fralda do RN; • Criar um ambiente calmo e confortável (sem ruídos e excesso de luminosidade); • Estruturar os cuidados para respeitar períodos de sono ininterruptos; • Administrar as medicações junto com as refeições ou 30 minutos antes.
Tremores desajeitados	• Proteger a pele contra irritação e abrasões; • Mudar o decúbito frequentemente; • Proporcionar bons cuidados a pele (manter o RN limpo e seco).
Aspiração frenética	• Utilizar chupeta entre as refeições; • Proteger as mãos do RN de escoriações.
Recusa de alimentação	• Oferecer refeições pequenas e frequentes; • Manter as necessidades de ingestão calórica e de líquidos para o peso desejado do RN;
Vômitos e diarreia	• Posicionar o RN para prevenir aspiração; • Realizar cuidados com a pele, principalmente regiões expostas a vômitos ou fezes.
Rigidez muscular	• Mudar frequentemente a posição para minimizar o desenvolvimento de áreas de pressão; • Manter bons cuidados com a pele.
Salivação excessiva e obstrução nasal	• Aspirar à faringe e o muco traqueal Realizar cuidados frequentes do nariz e da boca; • Observar a frequência respiratória e suas características e a cor do RN.
Taquipneia	• Observar o início e a gravidade dos sinais acompanhantes de angústia respiratória; • Colocar o RN no monitor respiratório; • Colocar o RN em posição de Fowler inclinando a cabeça ligeiramente para baixo; • Manusear pouco o RN Separar material de reanimação.
Taquicardia e hipertensão	• Monitorar os sinais vitais; • Em alguns casos é necessário realizar monitoramento cardiopulmonar.

Fonte: SILVA, D. C.A., PEREIRA, I.L.C

No que concerne a assistência de enfermagem junto ao binômio mãe e filho o estudo de SOUZA et al., 2019 ratificou que duas enfermeiras assinalam a dimensão de atentar-se a comunicação mãe e filho, uma das enfermeiras relatou estar alerta ao desempenho do RN, a outra expôs que é relevante alicerçar mãe e filho, 4 salientaram que aplicam a sucção não nutritiva como procedimento de comodidade para o recém-nascido, 3 reiteraram administrar medicações conforme a prescrição médica, 4 informam acalmar o RN com critérios de bem-estar e uma evidenciou constatar os sinais e sintomas de abstinência da mãe usufratária. Também foi mencionado que o enfermeiro deve orientar, explicar e treinar a mãe a cuidar do seu bebê e incentivar a mesma na batalha da dependência do uso de álcool e/ou drogas.

CONCLUSÃO

A enfermagem é uma profissão que sempre busca aplicar em sua assistência a melhoria da integralidade no cuidado ao paciente, constatou-se a indispensabilidade de expor a respeito de uns dos numerosos agravantes que o uso de substâncias psicoativas causam para a população, a SAN. Determinada como uma síndrome que obtém alerta do profissional enfermeiro, cabe treinarem juntamente com sua equipe em todos os ciclos e etapas dessa síndrome, tal como nos elementos que desencadeiam o acometimento do recém-nascido por ela.

A cerca SAN não houve a possibilidade de proceder uma investigação estruturada, pois há carência na literatura que dispõe sobre o tema. Contraparte o índice de gestantes usufratárias de substâncias psicoativas tem elevado avassaladoramente, instituindo uma maior taxa de RNs expostos a tais substâncias, sendo assim, o profissional enfermeiro deve descortinar obsequiosamente para esse impasse realizando protocolos, aplicando treinamentos para conceder a assistência específica e qualante para esses RNs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, R.B.F., CORREIA, L.T.A., ARAUJO H.A. **Cuidados de Enfermagem ao Recem-Nascido em Situação de Abstinência**. ROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Saúde Materna e Neonatal: Ciclo 10. Porto Alegre: Artmed

Panamericana; 2019. p. 99–125. (Sistema de Educação Continuada a Distância; v. 3).

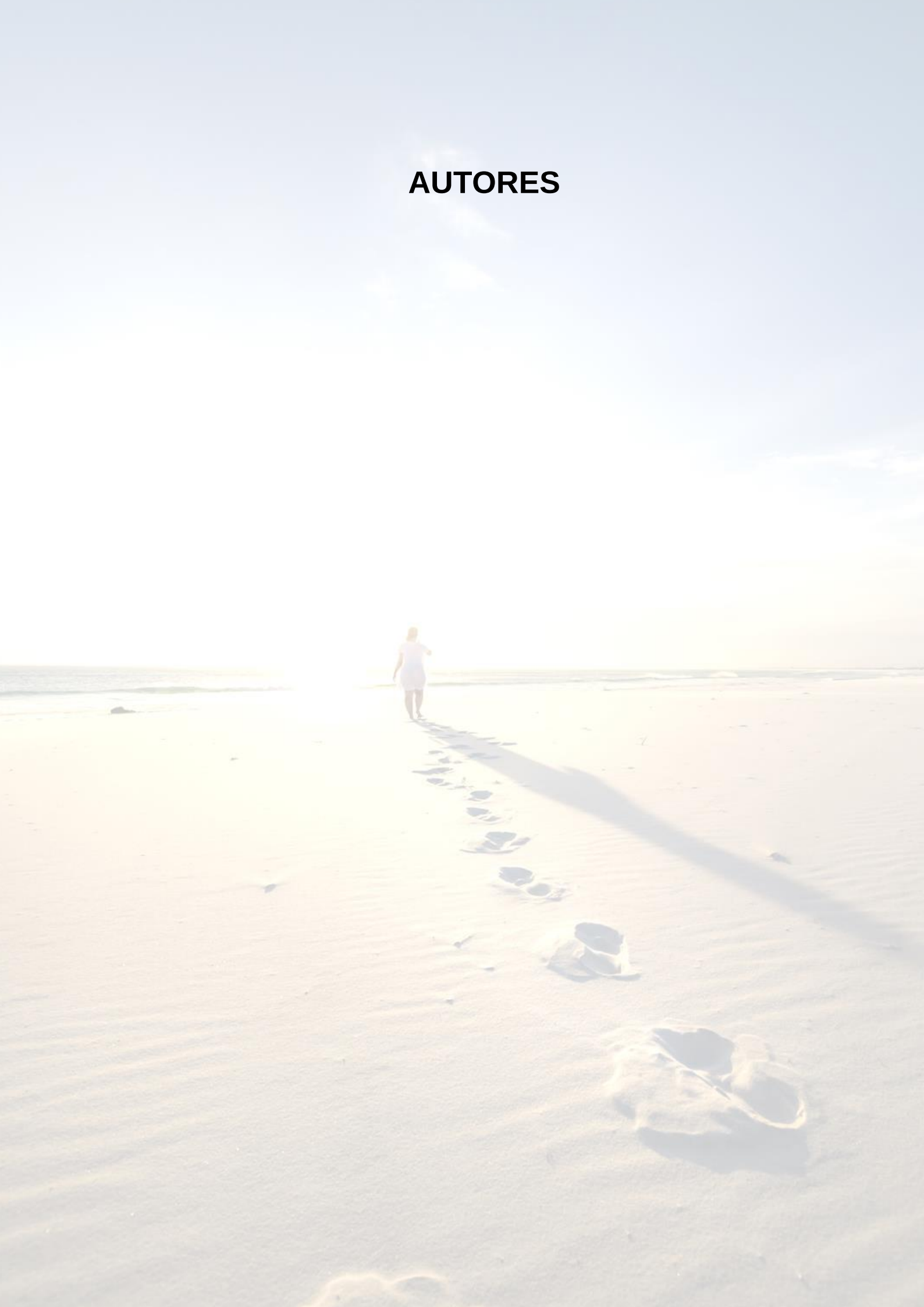
PEREIRA, S. M G. **As vivências dos enfermeiros no cuidado ao recém-nascido com síndrome de abstinência neonatal e sua família.** Porto Alegre, 2012.

SILVA, D.C.A., PEREIRA, I.L.C. **Assistência de Enfermagem frente à Síndrome de Abstinência Neonatal.** XVII SICI - UNAERP, 2014.

SOUZA, M.D.S., MAGALHAES, F.J., ROLIM, K.M.C., VASCONCELOS, S.P., ALBUQUERQUE, F.H.S., PINTO, M.M.M. **Síndrome da Abstinência Neonatal: intervenções/atividades de enfermagem junto ao recém-nascido e a puérpera.** Atas CIAIQ2019 - Investigação Qualitativa em Saúde/Volume 2

UNODC - Escritório de Ligação e Parceria no Brasil. **Relatório Mundial sobre Drogas 2021 avalia que pandemia potencializou riscos de dependência.** Viena, 24 de junho de 2021

AUTORES



Agda Montenegro de Siqueira

Bacharel em Enfermagem, especialista em Gestão em Enfermagem. Atuante como Enfermeira Referência em uma Unidade Privada de Pronto Atendimento Adulto em São José Dos Campos - SP.

Aline Bressan

Docente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Città América – Rio de Janeiro – RJ.

Amanda de Cássia Costa de Oliveira

Enfermeira. Dermatoterapeuta. Mestranda em Gerontologia. Docente do Curso de Enfermagem na Faculdade Estácio de Carapicuíba. E-mail: enfdermatoterapeuta@hotmail.com

Ana de Lourdes Sá de Lira

Professora Associado II do curso de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Ana Gabrielle Silva de Oliveira

Acadêmica de Odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Ana Maria Florentino

Docente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Città América – Rio de Janeiro – RJ.

André Vinícius Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.

Breno Wesley Leal Carvalho

Acadêmico de Odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Carla Ribeiro Bernardo

Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Città América – Rio de Janeiro – RJ.

Ester Torres de Carvalho

Graduanda em Enfermagem no seu 8º semestre, cursando 4º semestre em Superior de Tecnologia em Gestão Hospitalar. Atualmente, Técnica de Enfermagem em uma Unidade Privada de Pronto Atendimento Adulto em São José Dos Campos - SP. Influente no desenvolvimento de publicações científicas e participação ativa nas ações de melhoria, ressaltando o paciente no centro do cuidado individualizado, bem como, na busca constante de levantamento de dados evidenciando o profissional Enfermeiro e Gestor como coautor primordial nas melhorias e estratégias de saúde.

Gabrielle Ferreira

Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Città América – Rio de Janeiro – RJ.

Janete Pereira Lima

Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Enfermeira Obstetra modalidade residência pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS.

Keila Rejane de Jesus Martins

Acadêmica de odontologia da Universidade Estadual do Piauí.

Lunna Guerra Fabri

Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Città América – Rio de Janeiro – RJ.

Luziane de Fátima Kirchner

Docente da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Marcio Rogerio Bresolin

Licenciado e Bacharelado em Educação Física, especialista em Educação Física Escola e Mestrando pelo Mestrado Profissional em Educação UEMS.

Rafael Ventura dos Santos

Bacharel em Enfermagem.

Raíza Da Silva Pereira

Discente do Curso de Medicina da Universidade Estácio de Sá – Campus Citta América – Rio de Janeiro – RJ.

Sávio Henrique Lira Campos

Acadêmico de medicina da Universidade Federal do Piauí.



ISBN 978-658459963-5



9

786584

599635